

Revista da Academia  
Sul-Mato-Grossense de Letras

Apoio cultural:

Prefeitura Municipal de Campo Grande.



# Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

n. 5

Setembro de 2004

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras  
Campo Grande – Mato Grosso do Sul

A Revista da Academia  
Sul-Mato-Grossense de Letras  
foi criada em 2003, na presidência  
do acadêmico F. Leal de Queiroz.

Diagramação e revisão:  
H. Campestrini.

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras  
Rua Rui Barbosa, 2.624 – fone/fax (67) 382-1395  
79002-365 Campo Grande MS  
[www.acletrasms.com.br](http://www.acletrasms.com.br)  
*end. eletr.:* [acletrasms@acletrasms.com.br](mailto:acletrasms@acletrasms.com.br)

## Sumário

- Raul Machado – 9.
- Raquel Naveira – 21.
- Paulo Corrêa de Oliveira – 37.
- Abrão Razuk – 49.
- Arassuay Gomes de Castro – 55.
- Eliophar de Almeida Serra – 57.
- Ernani Donato – 63.
- Acyr Vaz Guimarães – 67.
- Enilda Mongenot Pires – 81.
- Concurso de contos – 87.



## Pérolas da Poesia Brasileira

### As pombas\*

Vai-se a primeira pomba despertada...  
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas  
De pombas vão-se dos pombais, apenas  
Raia sanguínea e fresca a madrugada...

E à tarde, quando a rígida nortada  
Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,  
Ruflando as asas, sacudindo as penas,  
Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam,  
Os sonhos, um por um, céleres voam,  
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,  
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,  
E eles aos corações não voltam mais.

### Anoitecer

Esbraseia o Ocidente na agonia  
O Sol... Aves em bandos destacados,  
Por céus de oiro e de púrpura raiados,  
Fogem... Fecha-se a pálpebra do dia...

Delineiam-se, além, da serrania  
Os vértices de chama aureolados,  
E em tudo, em torno, esbatem derramados  
Uns tons suaves de melancolia...

Um mundo de vapores no ar flutua...  
Como uma informe nódoa, avulta e cresce  
A sombra à proporção que a luz recua...

A natureza apática esmaece...  
Pouco a pouco, entre as árvores, a lua  
Surge trêmula, trêmula... Anoitece.

## Mal Secreto

Se a cólera que espuma, a dor que mora  
N'alma, e destrói cada ilusão que nasce,  
Tudo o que punge, tudo o que devora  
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse, o espírito que chora,  
Ver através da máscara da face,  
Quanta gente, talvez, que inveja agora  
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, consigo  
Guarda um atroz, recôndito inimigo,  
Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,  
Cuja ventura única consiste  
Em parecer aos outros venturosa!

## A cavalgada

A lua banha a solitária estrada...  
Silêncio!... Mas além, confuso e brando,  
O som longínquo vem se aproximando  
Do galopar de estranha cavalgada.

São fidalgos que voltam da caçada;  
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando.  
E as trompas a soar vão agitando  
O remanso da noite embalsamada...

E o bosque estala, move-se, estremece...  
Da cavalgada o estrépito que aumenta  
Perde-se após no centro da montanha...

E o silêncio outra vez soturno desce...  
E límpida, sem mácula, alvacentas  
A lua a estrada solitária banha...

\*Os quatro sonetos são de Raimundo Correia

## Homenagem ao patrono Raul Machado

---

Raul Campelo Machado da Silva nasceu em Taperoá (PB), em 1891. Concluído o curso de Direito, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde “foi jornalista, e ingressou na Justiça Militar, sendo promotor, auditor de guerra, ministro do Conselho Superior da Justiça Militar, por algum tempo ministro do Tribunal de Segurança Nacional e por fim ministro corregedor da Justiça Militar”. (PANORAMA DA POESIA BRASILEIRA., v. V, p. 363).

Foi juiz-auditor militar em Campo Grande nos meados do século passado.

Autor de excelentes sonetos, dos quais avulta o *Lágrimas de cera* (ver p. 16). De suas obras se destacam: CRISTAIS E BRONZES (1909), ASAS AFLITAS (1924), PÁSSARO MORTO (1933) e A LÂMPADA AZUL DO SONHO (1946). É patrono da cadeira n. 28 da Academia.

A seguir, uma coletânea de poemas de Raul Machado.

## As estátuas

Dentro da noite morta, sonham as estátuas...  
Espada em punho, montado no cavalo de bronze,  
Recorda um general o campo de batalha:  
Tarde rica de sol, num céu sem nuvens...  
E, na moldura de oiro dessa tarde,  
O quadro em sangue vivo do combate:  
Irrompem no ar os toques de cornetas,  
Gritos de homens... relinchos de cavalos.  
Rolam carretas sobre o chão varrido  
Pelo granizo em fogo da metralha.  
E em toda parte cruzam, coruscantes,  
Entre os trovões da artilharia grossa,  
Os relâmpagos de aço das espadas.  
Mas, por fim,  
A fuga e o desbarato do inimigo!  
E o momento de glória  
Do Pavilhão da Pátria desfraldado,  
Em sinal de Vitória!

Que dia! E que momento!  
Era o seu nome que vencia o Tempo!  
Era o seu vulto que invadia a História  
E ia ficar, eterno, numa estátua,  
Vencendo a própria Morte,  
Qual vencera o inimigo!

Em outro pedestal, num jardim sossegado,  
Sonha a estátua de um poeta, em recanto florido.  
Tênuo raio de luar, filtrado na folhagem,  
Improvisa-lhe à frente um diadema de prata.

Lembra os versos que fez... Idéia e sentimento!  
A frase musical, de um colorido novo,  
Fulgurando em clarões de beleza emotiva.  
E pensar ouvir ainda,

Num milagre de enlevo,  
O último canto de amor, que escreveu em soluços,  
Repetido em murmúrio  
Pela brisa que passa entre as cordas retesas  
Da sua lira de bronze...

Em frente a um casarão: – templo de ciência e estudo,  
Soturno de feição, antiquado nas linhas,  
Num pedaço de terra arenosa e sem flores,  
Vê-se a herma de um sábio.

Tudo nele traduz vida de pensamento:  
Fronte enrugada, rosto grave, ar concentrado,  
Como quem ainda está sangrando a Inteligência  
Em busca da Verdade!

Dentro da noite morta, sonham as estátuas...

No silêncio contrito um murmúrio perpassa.  
Não é asa do vento ou marulho das ondas...  
Nem balouço de ramo, nem queda de folha...  
É qualquer coisa que lembra  
À alma do poeta em êxtase  
Uma prece da Pátria agradecida,  
Enquanto a noite acende nas Alturas,  
Como um culto aos heróis,  
As lâmpadas votivas das estrelas...

## O mensageiro de flores

Com uma cesta de flores sobre os ombros,  
Lá ia o homem pobre pela rua:  
uma festa de cores tropicais  
em oferenda ao sol do meio-dia!

Seu destino lembrava o dos poetas:  
ser portador de uma riqueza efêmera.

Porque a vida de glória das imagens  
tem a beleza e a duração das flores.

E no próprio labor do seu ofício  
havia ainda o encanto da poesia,  
pois ele, muita vez, sem que o soubesse,  
como improvisador de primaveras,  
engrinaldrou de rosas as “Madonas”;  
pôs toalhas de perfume nos altares;  
abriu recantos de jardins, à luz  
de lampadários em salões festivos;  
incendiou os bojos de cristal  
com a flama vegetal das parasitas...  
e coloriu o mármore das lápides  
como um voto de saudade sobre túmulos...

Mas, de repente, um vendaval irrompe.  
E entre nuvens de pó  
E a dança exótica das folhas  
à música bárbara do vento,  
o homem pobre que levava as flores  
vê, com os olhos de espanto e de tristeza,  
seu pequeno jardim suspenso  
desfeito pela fúria do tufão.

Rolam nos ares pétalas de rosas.  
Parte-se a urna de prata das angélicas  
e a estrela vegetal dos lírios brancos...  
e se ensangüenta o espaço, a cada instante,  
com os cálices de são Graal dos cravos rubros.

Ante o quadro vandálico e aflitivo,  
num instintivo gesto de defesa,  
cerrei os braços sobre o próprio peito  
como quem protegia alguma coisa...

É que o tufão lembrava a hora presente,  
destruidora de vidas e de almas,

hora que enche de sombras o destino  
da espiritualidade... e da beleza.

E eu tinha, dentro em mim, no coração,  
uma roseira do Éden florescendo  
nas madrugadas de ouro da Poesia!  
Lírios do vale sobre o altar do Sonho...  
violetas humildes de Ilusão...  
cravos vermelhos, cujos cálices ardiam  
cheios do sangue quente da Paixão!

## Vendedora de bilhetes de loteria

Aquela mulher, de olhos tristonhos,  
Que vende sortes de loteria,  
Fala em riqueza, promete sonhos,  
Com o “prêmio grande”, que tem na mão...  
E assim (contraste feito ironia!)  
Numa indignância, que mal encobre,  
Fala em riqueza quem é tão pobre!  
Promete oiro quem não tem pão!

De rua em rua, na amarga luta,  
Com o olhar sumido, que o pranto molha  
E a voz tão baixa, como uma prece...  
Passa um banqueiro, que não a olha;  
Passa um soldado, que a não escuta;  
Passa um poeta, que ela entristece.

Se a chuva cai, não lhe importa a roupa,  
Que até se lava com a chuva forte.  
Só os bilhetes é que ela poupa!  
Nem a doença lhe dá cuidados,  
Pois a pobreza não teme a morte...

A noite chega. E ela, vencida,  
Do ingrato ofício na luta em vão,

Retorna à casa, desiludida,  
Depois de haver, por um dia inteiro,  
Vendido aos outros tanta ilusão!

## A ilusão do escravo

Homem, que odeias todas as grilhetas,  
Onde existe, escondida, a liberdade?  
Vê que o sol, as estrelas, os planetas,  
malgrado a sua vida de esplendores  
e a amplitude infinita do Universo,  
têm o próprio destino acorrentado  
a um círculo fatal de leis eternas...

E tu queres ser livre!

Vê o mar, com a força indômita das águas,  
Arremessado no fragor das ondas  
De encontro à indiferença dos rochedos,  
Espumando de raiva, aprisionado  
No limite de cárcere das praias...

E tu queres ser livre!

Olha a Terra em que vives orgulhoso  
condenada a perpétuo movimento,  
açoitada por múltiplos flagelos,  
impotente ao furor das tempestades,  
rolando as grossas lágrimas dos rios  
pelo rosto de pedra das cascatas...  
com as árvores erguendo para o céu  
braços verdes, chamando liberdade,  
e eternamente presas, como escravas,  
às algemas ocultas das raízes!

E tu queres ser livre!

O mundo toma o aspecto que lhe emprestas:  
A vida te aparece boa ou má

conforme a mutação do estado d'alma.  
Nada existe sem causa ou sem origem...  
Tua própria vontade só se exerce  
Em razão dos motivos que a dirigem...

E tu pensas ser livre!

Homem! Atenta, enfim, nesta verdade:  
serás sempre um vencido das paixões  
que abrirão asas para erguer-te à glória  
ou cerrarão teus punhos revoltados,  
em arremesso de vingança e crime!

O Ódio te cega! O Amor te exalta! A morte te acobarda!

E tu pensas ser livre! E tu pensas ser livre!

## Temporal

Um rumor de trovões o espaço todo invade.  
A látigos de fogo, o raio os céus recorta.  
Chuva forte: – em caudal. Infinda escuridade.  
E o vento, como um cão, uiva, de porta em porta.

No vale, nas rechãs, no campo, na cidade,  
O vendaval, em fúria, as árvores entorta;  
E no mar, aumentando o horror da tempestade,  
A água cresce, a rugir, dentro da noite morta!

Oh! a dor da floresta, em contorções hediondas!  
E a pobreza sem teto e o tormento dos ninhos!  
E o destino das naus, cambaleando nas ondas!

E o naufrágio!... E o terror!... E o desespero forte!  
E a desconsolação dos que vivem sozinhos,  
Para o tédio... a amargura... o desânimo... a morte!

## Passionário

Entre as cartas de amor com que recordo o encanto  
Das antigas paixões extintas no meu seio,  
Uma, de todas, há, que é uma tragédia! tanto  
Que ainda hoje me confrange o espírito, se a leio!

Foi, movendo-me, aliás, profundíssimo espanto,  
Em dia de infortúnio e dissabores cheio,  
Que ela, travando a fel e embebida de pranto,  
Como um grande remorso, ao coração me veio.

“Raul” – dizia, assim, numa letra tremida, –  
“É urgente que de ti, para sempre, me afaste;  
Tenho sacrificado, em vão, a minha vida!

Perdô-te, porém, todo o mal que fizeste;  
Não te perdô nunca... é o bem que me negaste,  
E as palavras de amor que jamais me disseste!”

## Lágrimas de cera

Quando Estela morreu, choravam tanto!  
Chovia tanto nessa madrugada!  
– Era o pranto dos seus, casado ao pranto  
Da Natureza – mãe desventurada!

Ninguém podia ver-lhe o rosto santo,  
A fronte nívea, a pálpebra cerrada,  
Que não sentisse, logo, em cada canto  
Dos olhos, uma lágrima engasgada!

Ai! não credes, bem sei, porque não vistes!  
Mas quando ela morreu, chorava tudo!  
Até dois círios, lânguidos e tristes,

Acendidos à sua cabeceira,  
Iam chorando, no seu pranto mudo,  
Um rosário de lágrimas de cera!

## No campo-santo

A sepultura em que repousa Estela,  
– Lírio que, mal se abrija, desmaiara! –  
Não tem jarros, estátuas, nem capela,  
Nem inscrições em lousa de Carrara.

Mas é tão simples, tão florida e clara,  
Que basta ver-se-lhe a feição singela,  
A sua alvura, entre roseiras, para  
Saber-se que é a sepultura dela...

É o mais pobre dos túmulos vizinhos...  
E o mais lindo, entretanto, que há na terra!  
Cantam, na sua cruz, os passarinhos...

E, ressurgindo em formas caprichosas,  
A mocidade morta, que ela encerra,  
Sorri à vida, transformada em rosas.

## Transfiguração

Essa criança formosa,  
Sem um defeito sequer,  
Deixou a forma de rosa  
Para tornar-se mulher.

Por isso, quando hoje assoma,  
Num halo deslumbrador,  
Espalha em redor o aroma,  
Que tinha quando era flor...

## Extrema verba

“Quando eu morrer” – disse ela com a voz rouca  
E a tosse má lhe sacudindo o peito –  
“A última frase que há de vir-me à boca  
Será um verso que me houveres feito...”

Ele fitou-a, em lágrimas imerso...  
E ao morrer, antes dela, ansioso e aflito,  
Fez, delirante, o derradeiro verso  
Da última frase que ela havia dito!

## Aspiração

Abre-se a pedra bruta em luz, quando ferida:  
Ao embate do remo, a água, sonora, canta.  
Quando uma árvore rui, golpeada em plena vida,  
Da ramagem que rola um hino se levanta!

Abra-se em flama e amor meu coração ferido!  
Ao embate da dor, a alma, serena, cante!  
E quando a morte vier, meu verso dolorido,  
Glorificando a vida, aos astros se levante!

Quero, malgrado tanto sonho vão,  
Deixar assim, em música disperso,  
Um pouco do meu ser, feito emoção,  
Dentro da alma impassível do Universo...

## Destinos

Invejo o teu destino de alegria,  
Pássaro amigo:  
encher, com a tua música, de festa  
a floresta  
sombria...  
glorificar a madrugada...  
ou, pequenino e loiro,  
emplumado de luz,  
brilhar, como uma gota de oiro,  
na ampla taça emborcada  
de céus de porcelana, muito azuis.

Lamento o teu destino de tristeza,  
ó fonte amiga, eternamente presa  
à amargura de um pranto, que não finda;  
de tal sorte que tu, nas tuas águas,  
rolando, dentre as árvores e as fráguas,  
quando queres cantar, choras ainda...

Compreendo, entanto, essa alegria inquieta  
de ave que canta, oculta, no arvoredo...  
e essa tristeza calma  
de fonte que soluça entre os escolhos,  
porque... todo poeta  
tem um pássaro em festa dentro d'alma  
e uma furtiva lágrima nos olhos...

### Pássaro Morto

Eras, talvez, com a tu'alma cristalina,  
Nas manhãs em que a Terra andava em festa  
E nas horas de febre do verão,  
O mais lírico poeta da campina,  
O Caruso emplumado da floresta,  
O Beethoven boêmio da amplidão...

Tinhas riqueza de emoção contigo.  
Quem me dera, nos cânticos que entôo,  
Os teus arpejos de doçura tanta!  
E aí estás, para sempre, pobre amigo,  
Com as asas paralíticas, sem vôo,  
E uma música morta, na garganta!

Quando o teu canto emudeceu no mundo,  
Quando cessou a estranha melodia  
Da tua flauta mágica de prata,  
Houve um rebate de pesar profundo

E uma parada, súbita e sombria,  
No coração harmônico da mata!

Desdenhoso de glória e de reclamos,  
Amavas a Arte com pureza d'alma,  
Prescindindo de estímulos alheios.  
Cantavas, só, na cúpula dos ramos:  
– Para o teu gênio não pedias palma...  
– Nem auditório para os teus gorjeios!

Mas, ali, ficarás, sempre lembrado!  
Viverás, em espírito, na escura  
Ramagem verde, onde não cantas já...  
E guardando o teu último trinado,  
Que era misto de anseios e de amargura  
A alma do bosque não te esquecerá!

Pudesse eu ter a tua mesma história!  
Finda a harmonia que a minh'arte encerra,  
Mudos os cantos onde o Sonho louvo,  
Deixar os versos que escrevi, sem glória,  
Dentro do coração da minha Terra,  
Entre o culto e a saudade do meu Povo!

# Raquel Naveira

---

Raquel Naveira nasceu em Campo Grande (MS) em 1957. Professora universitária (UCDB). Formada em Direito. Autora de numerosas obras (quase todas de poesia), das quais se anotam: VIA SACRA, FIANDEIRA, GUERRA ENTRE IRMÃOS, A-BADIA, SAMARITANA, CASA DE TECLA, MARIA EGIPCÍACA. Ocupa a cadeira n. 8 da Academia.

## Bovinocultura e Literatura

O boi é um símbolo de bondade, de calma, de força pacífica, de capacidade de trabalho e de sacrifício.

Para vários povos antigos o boi era um animal sagrado. Entre os gregos era imolado em rituais religiosos: o termo “hecatombe” designa o sacrifício de cem bois. Conta a lenda que Apolo, deus do Sol, tinha bois que foram roubados por Hermes, o mensageiro do Olimpo. Este só conseguiu fazer-se perdoar pelo seu furto ao oferecer a Apolo a lira que inventara, feita da pele e dos nervos de um boi retesados sobre uma carapaça de tartaruga. O sol também tem seus bois, de imaculada brancura e chifres dourados. Os companheiros de Ulisses, famintos, ao comerem carne de boi, apesar da proibição de seu chefe, acabaram por morrer, todos eles, somente Ulisses, o único que se abstivera, escapa à morte.

As primeiras pinturas de nossos ancestrais paleolíticos, estampadas nas paredes silenciosas das cavernas, representam bisões, cavalos, mamutes, javalis e outras criaturas, as caças desejadas pelo homem da Idade da Pedra.

Na caverna de Lascaux, na França, encontra-se um bisão, com o tórax maciço, o denso quarto traseiro e as patas curtas e finas, brandindo um agressivo par de chifres. Uma imagem mágica, de efeito avassalador.

A arte pré-histórica já é representativa de todas as expressões artísticas posteriores e o homem elegeu desde sempre o boi como um importante elemento estético.

Mato Grosso do Sul, Estado do Pantanal, e a capital, Campo Grande, têm vocação agropastoril. O boi é um símbolo de nossa terra, de nossa economia, de nossa riqueza. É um símbolo de uma sociedade do boi, de uma aristocracia do boi. Faz parte integrante de nossa alma, de nossa mentalidade, do nosso destino. É um ícone de nossa cultura.

Vários autores escreveram sobre fazendas, lugares e pastagens repletas de bois e vacas. Esse é um tema constante na obra de Guimarães Rosa ao descrever o sertão. O conto “O Burrinho Pedrês”, do livro “Sagarana”, é um verdadeiro tratado de raças, tipos e pelagens de boi, como podemos conferir por este trecho: “ E abria os olhos, de vez em quando, para os currais, de todos os tamanhos, em frente ao casarão da fazenda. Dois ou três deles mexiam, de tanto boi. Alta, sobre a cordilheira de cacundas sinuosas, oscilava a mastreação de chifres. E comprimiam os flancos dos mestiços de todas as meias-raças plebéias dos campos-gerais, do Urucuia, dos tombadores do Rio Verde, das reservas baianas, das pradarias de Goiás, das estepes do Jequitinhonha, dos pastos soltos do sertão sem fim. Sós e seus de pelagem, com as cores mais achadas e impossíveis: pretos, fuscões, retintos, gateados, baios, vermelhos, rosilhos, barrocos, alaranjados; castanhos tirando a rubros, pitangas com longes pretos; betados, listados, versicolores; turinos, marchetados com polinésias bizarras; tartarugas variegados; arações estranhos, com estrias concêntricas no pelame – curvas e zebruras pardo-sujas em fundo verdacento, como cortes de ágata acebolada, grandes nós de madeira lavrada, ou faces talhadas em granito impuro. Como correntes de oceano, movem-se cordões constantes, rodando redemoinhos: sempre um vaivém, os focinhos babosos apontando e as caudas, que não cessam de espanejar com as vassourinhas.”

O conto “Seqüência”, do livro “Primeiras Estórias”, também de Guimarães Rosa, mostra uma vaquinha vermelha, uma vaquinha pitanga, que viajava na estrada das Tabocas. A vaca conduz um rapaz até a casa de um certo Major Quitério, onde ele se apaixona por uma das filhas do major, “alta, alva e amável”. Uma vaca conduzindo o homem ao seu amor, ao seu destino. Assim termina o conto: “Ela se desescondia dele. I-

nesperavam-se? O moço compreendeu-se. Da vaca, ele a ela diria: – É sua.” Suas almas se transformavam? E tudo à sação do ser. No mundo nem há parvoíces: o mel do maravilhoso, vindo a tais horas de estórias, o anel dos maravilhados. Amavam-se. E a vaca-vitória, em seus ondas, por seus passos.”

O poeta alagoano Jorge de Lima publicou, em 1952, o poema denominado “Invenção de Orfeu”, escrito em dez cantos de muitas estâncias, ou poemas de variadas formas. Quase sempre hermético, mas de extraordinária musicalidade. “Invenção de Orfeu” é uma produção ambiciosa, onde o poeta, por vezes claramente nordestino, sugere a nossa formação étnica e social, em que se misturam vultos da literatura e religiosidade. Trata-se de uma biografia épica. No “Canto Primeiro”, intitulado “Fundação da Ilha”, encontramos o poema de número XV, em que o poeta compara sua mãe a uma vaca. Um poema forte, ousado, onde a natureza materna é comparada ao instinto do animal com sua cria, numa ligação profunda, carnal, quase incestuosa:

A garupa da vaca era palustre e bela,  
Uma penugem havia em seu queixo formoso;  
E na frente lunada onde ardia uma estrela  
Pairava um pensamento em constante repouso.

Esta a imagem da vaca, a mais pura e singela  
Que do fundo do sonho eu às vezes esposo  
E confunde-se à noite à outra imagem daquela  
Que ama, amamentou e jaz no último pouso.

Escuto-lhe o mugido – era o meu acalanto,  
E seu olhar tão doce inda sinto no meu:  
O seio e o ubre nатаis irrigam-me em seus veios.

Confundo-os nessa ganga informe que é meu canto:  
Semblante e leite, a vaca e a mulher que me deu  
O leite e a suavidade a manar de dois seios.

O poeta maranhense Ferreira Gullar, em seu livro de poemas “A Luta Corporal”, descreveu o boi como parte integrante da natureza, neste poema em prosa: “Vai o animal no campo; ele é o campo como o capim,

que é o campo se dando para que haja sempre boi e campo; que campo e boi é o boi andar no campo e comer do sempre novo chão. Vai o boi, árvore que muge, retalho da paisagem em caminho. Deita-se o boi e ruminava, e olha a erva a crescer em redor de seu corpo, para o seu corpo, que cresce para a erva. Levanta-se o boi, é o campo que se ergue em suas patas para andar sobre o seu dorso. E cada fato é já a fabricação de flores que se erguerão do pó dos ossos que a chuva lavarà, quando for o tempo.”

Alguns poetas sul-mato-grossenses também elegeram a temática do boi para os seus poemas. O professor Orlando Antunes Batista escreveu o poema “Noturno do Boi”, evocativo e melancólico, que transcrevo na íntegra:

Sentado no lombo do boi  
Vagarei entre pastos  
Pastagens deste meu Pantanal  
Devagar seguirei o sonho, a poesia  
E a filosofia do boi.

Aquidauana às moscas  
No Domingo: as caminhonetas  
Rumam aos pantanais  
De festa, alegria e suspiros lembrando  
Nomes de bois que nunca retornam  
Jamais.

Rubem de Aquino escreveu este poema de clima surreal, de imagens surpreendentes e absurdas, intitulado “A multidão e a chuva morta”:

O boi saiu da parede  
E andou pelo quarto silente,  
Lambeu a pele da noite  
E o sono profundo do homem.

Muitos bois  
Em todos os quartos da cidade  
Caíram da parede  
E ficaram parados  
Observando o povo adormecido e preocupado.  
A cidade acordou...

Só então a população caiu em si, diante do espelho  
Do toilette: ninguém tinha rosto!  
Enquanto dormiam  
Os bois levaram tudo para um futuro distante  
E deixaram apenas o homem!

O clima surreal lembra um poema clássico de Manuel Bandeira, “Boi Morto”, um poema que serve de referência à relação entre a poética de Manuel Bandeira e a geração de 45. Quando publicado num suplemento dominical, esse poema provocou a maior celeuma pelo seu hermetismo. O boi morto seria uma fantasia do homem do futuro, capaz de materializar o monstro do subconsciente. Outra interpretação seria o seu concretismo, sua sincronização com as artes visuais, como se as palavras atuassem como objetos autônomos. Eis o poema:

#### Boi Morto

Como em turvas águas de enchente,  
Me sinto a meio submergido  
Entre destroços do presente  
Dividido, subdividido,  
Onde rola, enorme, o boi morto.

Boi morto, boi morto, boi morto.

Árvores de paisagem calma,  
Convosco – altas, tão marginais! –  
Fica a alma, a atônita alma,  
Atônita para jamais.  
Que o corpo, esse vai com o boi morto,

Boi morto, boi morto, boi morto.

Boi morto, boi descomedido,  
Boi espantosamente, boi  
Morto, sem forma ou sentido  
Ou significado. O que foi  
Ninguém sabe. Agora é boi morto,

Boi morto, boi morto, boi morto.

No importante livro comemorativo do centenário de Campo Grande, intitulado “Campo Grande – 100 anos de construção”, publicado pela Enersul e Matriz Ed., destacamos dois ensaios que falam sobre o boi. O primeiro é “A cidade e o boi”, do advogado e acadêmico Eduardo Machado Metello, falecido recentemente. Metello escreve sobre a vocação de Campo Grande para a pecuária, seus pastos verdejantes alongando-se nas vizinhanças dos Campos da Vacaria e pelos solos férteis de Maracaju; sobre o gado criado à larga; sobre os primeiros fazendeiros como o gaúcho Laudelino Barcelos, os pioneiros Antônio Francisco Rodrigues Coelho, Laucídio Coelho, Etalvío Pereira Martins, Elisbério Barbosa, Bernardo Baís, Osvaldo Arantes, Fernando Corrêa da Costa, Dolor de Andrade e outros.

Explica que, no começo, o gado europeu predominou nos campos, depois chegou a era do zebu e do nelore, a raça ideal para o clima dos trópicos.

Metello lembra que no começo do bairro Amambai havia um local denominado “Cabeça de Boi” e que nossa cidade, em tempos idos, era acusada de ter uma “mentalidade bovina”, como se o fazendeiro fosse culpado pela falta de escolas e pela ausência de cultura, das artes e do desenvolvimento intelectual.

Metello critica o MST no sentido de que não podem ser desapropriadas fazendas com atividade pecuária. O gado é carne, leite, comida e emprego para milhares de pessoas que, direta ou indiretamente, vivem em função do boi.

O outro ensaio intitula-se “Manifestações Culturais em Campo Grande”, de autoria da professora universitária Maria Adélia Menegazzo. No tópico referente às Artes Plásticas, Maria Adélia afirma que a Bovinocultura é momento transformador presente na obra do artista plástico Humberto Espíndola, que “elegeu e anunciou traços de sua realidade mais próxima”, o boi, como temática de seu trabalho. “Multiplicando as más-caras do boi, deu conta da diversidade e autonomia inerentes ao processo estético.”

Humberto Espíndola nasceu em Campo Grande, no dia 4 de abril de 1943, e é o criador da Bovinocultura, utilizando em seu trabalho o boi como símbolo regional e universal.

O catálogo bilíngüe “20 anos de Bovinocultura”, publicado pela Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, durante a presidência da professora Idara Negreiros Duncan Rodrigues, é um registro precioso que relata um pouco da história e da trajetória de Humberto Espíndola.

Há fotos de quadros polêmicos como o “Boi-society”, em tons de cinza e azul, em que um boi traz impressa na cartola a marca do dinheiro, o “cruzeiro”. Boi que é moeda, poder econômico, sangue. O tema repete-se em “Boi alado nas asas do dinheiro” e no “Glória ao boi nas alturas”.

As cores da bandeira brasileira e a parte traseira do boi aparecem em “Boi-bandeira”. Em “Boi-brasão”, um boi com farda militar, insígnias e patas levantadas, denuncia a brutalidade dos tempos de ditadura e opressão, com coragem e realismo que só os artistas possuem.

Em outras telas destacam-se partes do boi, numa metonímia do todo: um chifre-cornucópia, um chifre-lua, um pedaço do couro tingido a brasa.

Curiosas as instalações montadas na Bienal de São Paulo, em 1971. Mistura de chifres, cascas de arroz, crachás, rosetas franzidas e coloridas, criando uma ambiência simbólica entre a festa e o funeral.

Na Bienal de Veneza de 1972, chamaram atenção os couros com a heráldica de sinais estrelados e os arames farpados, que lembram prisão, propriedade, escravidão.

Humberto perenizou sua arte em mármore, granito e pintura nos grandes painéis do Palácio do Governo de Mato Grosso, em Cuiabá, e fez a sua leitura muito particular e poética da divisão do Estado nos imensos quadros expostos na Casa da Memória Arnaldo Estêvão de Figueiredo, em Campo Grande, testemunhando assim o seu tempo, imprimindo sua visão artística à história e à política.

É um exercício de beleza e satisfação identificarmos símbolos de nossa identidade misturados aos bois de Humberto Espíndola: um couro tatuado com desenhos dos índios guaicurús, uma roda de carreta, uma flor roxa de camalote, uma pele pintada de onça, um pedaço do manto da Virgem de Caacupê.

Igualmente bela a sensação de encontrarmos os símbolos de outras culturas misturados aos bois de Humberto Espíndola: a egípcia Cleópatra, as colunas gregas, as harpas, o chapéu que recorda Carlitos.

Sim, a beleza em estado cruel e puro está estampada nos trabalhos de Humberto. Beleza que nos perturba e fascina.

No catálogo, depoimentos de críticos de arte como Jayme Maurício, Roberto Pontual e Aline Figueiredo atestam o talento da pintura teatral e trágica desse “sacerdote da catedral do boi”.

A bovinocultura, portanto, imprime a figura do boi nas artes visuais e na literatura. O boi com sua potência cava sulcos intelectuais para receber as fecundas chuvas do céu. Sua força permanece através dos séculos, conservadora e invencível.

## Inocência

(Poema inspirado no romance *Inocência*, de Visconde de Taunay)

Sertão bruto,  
Infinito,  
Desafio para o espírito;  
Era ali,  
Naquele mar de verde pasto,  
Que vivia Inocência,  
Com sua beleza doente,  
Seu jeito esquisito  
De feiticeira do mato.

Era ali,  
Entre os laranjais  
De flores brancas e perfumadas,  
Bem próxima ao córrego,  
Que ficava sua tapera;  
Na noite escura  
Apenas uma vela de sebo  
Iluminava o canapé de taquara  
Onde ela se recostava  
Num silêncio de espera.

Era ali  
Que seu pai,  
Com desconfiança,  
Percebendo que a filha  
Já não era criança,  
Até nas coisas seguras  
Temia a desgraça.

Era ali  
Que Tico,  
O anão sinistro,  
Barqueiro apaixonado,  
Tudo observava  
Com olhos de fogo,  
Pequeno demonico.  
Um dia,  
Apareceu Cirino,  
O médico,  
O doutor,  
Pronto a curar com quina  
E leite de jaracatiá,  
Inocência entregou a ele  
Sua febre,  
Sua sina,  
Sua fome de amar.

Havia Manecão,  
O noivo ausente,  
A aliança,  
A promessa,  
A honra,  
A palavra empenhada;  
Com Cirino  
Era a culpa,  
O desejo  
E os encontros na madrugada.

Como romper valores  
De um mundo cruel e atrasado?  
Aos amantes restou a morte,  
Total libertação.  
Meyer, um naturalista  
Que caçava insetos,  
Viu em Inocência  
Uma alma,  
Uma essência,

Um ser com tão pouca consciência de si  
E, ao mesmo tempo,  
Tão cheia de resistência,  
Que resolveu,  
Para o bem da ciência,  
Para vencer tanta dor e intransigência,  
Tanta falta de clemência  
E para que esta história  
Tivesse eterna permanência,  
Batizar com o nome de “Papilio Innocentia”  
Uma borboleta,  
Olhe...  
Aquele ali,  
Que bate as asas  
Sobre o azul de uma hortênsia.

### Arara devorando romãs

A arara  
(Vermelho, azulão)  
Parece uma pintura a óleo,  
Um cartão,  
Com as garras  
Segura uma romã,  
Com o bico  
Busca as sementes  
Cheias de suco,  
De sangue,  
Pequenos rubis incrustados na polpa mole.  
(A romã é um brinquedo,  
Um talismã,  
O pedaço mais rubro da manhã).  
A arara devora romãs...  
O cheiro que se desprende  
Das penas e das frutas  
Lembra o calor dos ninhos  
E das febres terçãs.

## Ipês-amarelos

Ipês-amarelos,  
Bandeiras ao vento...

Ser abelha  
Para pousar em cada flor  
Como num sol,  
Ficar tonta de luz,  
Escorrer mel pelas antenas,  
Caldos, fagulhas.

Ser cervo  
Para comer cada pétala,  
Pasto de néctar;  
Pele de brasa,  
Chifres de árvore  
E depois suspirar junto ao lago  
Como uma alma.

Ser mulher  
Para cobrir os cabelos de flores  
E caminhar nua  
Arrastando um manto,  
Um facho,  
Um cometa dourado.

Ipês-amarelos,  
Bandeiras ao vento...

## Conselho

Evita colocar nomes de gente em animais;  
Como abandonarias um cão chamado José?  
José poderia ser um pai,  
Um amigo,  
Um irmão,  
Para sempre te sentirias culpado,  
Carregado de remorsos,

Perseguido pela sombra,  
Pelo olhar complacente e sincero de José.

Evita colocar nomes de gente em animais;  
Aquele gato esperto  
Que cuidaste com carinho de fada,  
A quem deste leite, almofada,  
Poderia te abandonar  
E chorarias como uma louca,  
Uma safada  
Por teu ingrato Roberto.

Evita colocar nomes de gente em animais,  
Aconteceriam confusões demais...  
Foge dessa roda-viva de paixões.

### Cabeça de Boi

Tem um lugar chamado Cabeça de Boi:  
Uma praça com um coreto  
Saído de algum álbum antigo;  
Dá para imaginar a banda tocando  
Com seu uniforme lustroso  
E as pessoas passeando em tons pastel,  
Vestindo a palha de seda do domingo.

Nesse lugar deve ter existido um marco,  
Uma bandeira de morte,  
Uma relíquia presa num arco:  
Uma cabeça de boi,  
Enorme,  
Chifruda,  
Causando assombro.

Cabeça de boi  
Lembra matadouro,  
Seca,

Terra esturricada,  
Rachada,  
Regada pelo sangue  
Que ela chupa como um escoadouro.

Cabeça de boi,  
Terror e prazer de menino  
Que brinca com ossos  
Sem saber o que é o destino,  
A dor,  
Os destroços.

Cabeça de Boi...  
Olha o boi!  
Olha o trem!  
Olha nos trilhos  
Quanto tempo já se foi!

## Portão de Ferro

Quando criança ouvia as pessoas dizerem:

– Fica pra lá do Portão de Ferro

ou:

– Fica antes do Portão de Ferro

E eu imaginava como e onde seria

O tal Portão de Ferro:

Imponente,

Alto,

Com desenhos de flores

E lanças pontiagudas

Como se guardasse

Um castelo,

Uma fonte,

Um bosque cheio de espinhos

Com uma princesa

Adormecida no seu sono de séculos.

Já adolescente, assaltava-me o receio  
De que depois do Portão de Ferro  
Houvesse um cemitério,  
Arenoso,  
Abandonado,  
Com túmulos subterrâneos,  
Onde algum amante perverso  
Me deixaria trancada  
Por causa de um único e fatídico verso.

Quem fosse ao Portão de Ferro  
Atravessaria a neve?  
O pântano?  
A solidão?  
Daria um berro de dor  
Contorcendo-se entre as grades?

O Portão de Ferro  
Era uma angústia  
Que hoje enterro para sempre  
Na sombra de minhas lembranças.

## Helena, a violeira

(a Helena Meireles)

Foguetes anunciam a festa,  
Festa grande,  
Pra ser guardada na lembrança,  
Os músicos se preparam:  
Zito na sanfona,  
Gregório na harpa  
E na viola, Helena,  
De blusa vermelha,  
Colete apertadinho,  
Calça com barra  
De renda branca.

Começa a dança,  
Dança de par solto,  
Chamamé,  
Polca,  
Guarânia  
E muita cachaça,  
Leilão de leitoa  
Pra encher a pança.

A viola vai riscar a noite toda,  
Helena dedilha as cordas,  
Bate no tampo,  
Acaricia o pinho  
Em forma de oito,  
Corpo afoito  
Que geme em suas mãos.

Noite alta,  
A tocha,  
Chumaço de algodão,  
Enrolado num cabo de vassoura  
Espreita a lua  
Envolta em fumaça.

Helena toca,  
Elétrica,  
Louca,  
Soltando notas,  
Faíscas,  
Lascas.

Helena toca,  
A boca cerrada,  
Amarga,  
Sulcada de rugas,

Os nervos tensos,  
Concentrada  
Como pedra  
Que rola pelo despenhadeiro  
E, lá no fundo,  
Explode  
E se choca.

Helena toca,  
Sufoca na alma  
A angústia,  
O desespero,  
A tristeza,  
Transforma tudo  
Numa canção rouca.

Terminada a festa,  
Festança grande,  
Pra ser guardada na lembrança,  
Todos se vão,  
Homens,  
Mulheres,  
Crianças,  
Pela poeira do sertão.

Os vaqueiros no galpão  
Dormem sobre pelegos cor-de-laranja,  
Um pé de ariticum  
Solta nuvens de pólen.

Helena  
Sai de cena,  
Tão leve,  
Que parece pena.

# Paulo Corrêa de Oliveira

---

Paulo Corrêa de Oliveira nasceu em Aquidauana (MS) em 1936. Arquiteto e professor universitário (UFMS). É dos mais importantes teatrólogos do Estado, cujas histórias e cenários retrata. De suas dezenove peças, destacam-se: QUEM OUVIR, FAVOR AVISAR; DE UM POVO HERÓICO, O BRADO KADIWÉU; ERA UMA VEZ... XEREZ; UM CERTO CAPITÃO SILVINO JAQUES; MATE E VIDA TERERÉ.

## Camisinha, um direito de todos

*(Sentados numa praça, SENHOR, de 53 anos. Aproximam-se dois jovens estudantes, JORGE e MÁRCIA. Posteriormente, DONANA, a esposa de SENHOR).*

MÁRCIA *(para Senhor, sentado)* – Tio, eu sou Márcia, tenho quinze anos.

Este é Jorge, tem treze anos. Estamos fazendo uma pesquisa escolar.

O senhor pode nos responder?

SENHOR – Se eu souber... Só que eu estou aqui na praça esperando minha mulher que foi deixar o neto lá na casa da filha. Ela não demora.

MÁRCIA – Tudo bem! Vai ser rápido. Jorge, vai anotando. Primeira pergunta: nós revelamos nossa idade, pode nos revelar a sua?

SENHOR – Com todo prazer! Tenho 53 anos. Sou avô de um lindo neto que...

MÁRCIA – Pode responder só a pergunta, e não precisa dizer o seu nome.

SENHOR – Tá bem!

MÁRCIA – O senhor sabe o que é AIDS?

SENHOR – Sei. É uma doença terrível que...

MÁRCIA – O senhor conversa sobre isso com sua parceira?

SENHOR – Sobre AIDS?... Não, filha. Eu não acho que...

MÁRCIA – O tio tem vergonha de falar sobre isso com ela?

SENHOR – Não, filha. Acontece que...

MÁRCIA – Já fez exame para ver se é soropositivo?

SENHOR – Claro que não! Não é necessário porque...

MÁRCIA – Claro que é, tio! Todas as pessoas que fazem sexo devem se resguardar. O senhor é heterossexual, bissexual ou homossexual?

SENHOR – O quê?

MÁRCIA – Perguntei se o tio é hetero, bi ou homossexual.

SENHOR – Minha filha, isso tudo é falado agora em sala de aula?

MÁRCIA – Por favor, tio, temos que entrevistar hoje mais nove pessoas.

Queremos sua resposta rápida. Esses dados vão para a professora fazer a plenária amanhã na escola.

SENHOR – Tá bem! Escreva aí: heterossexual.

MÁRCIA – Tem outros relacionamentos, fora da sua parceira habitual?

SENHOR – Não!... Filha, acho bom terminar logo o questionário, senão minha mulher chega e vai estranhar a conversa.

MÁRCIA – E a tia, tem outros parceiros que o senhor saiba?

SENHOR – Claro que não!

MÁRCIA – Claro que não sabe, ou claro que ela não tem?

SENHOR – Claro que ela não tem.

MÁRCIA – Usa camisinha?

SENHOR – Não.

MÁRCIA – Mas como, tio, que absurdo!!! O senhor está incluído no grupo que desconhece o sexo seguro e não faz uso da camisinha?

SENHOR – Filha, eu sou casado, tenho 53 anos e Donana...

MÁRCIA – O tio já falou isso... Mas Jorge!... O que você está fazendo?

Está comendo a banana da demonstração da camisinha?... Não é possível!

JORGE – Você é boba, Márcia?... Esta banana é aquela pequena e tortinha que não serve. A outra, boa, está aqui no meu bolso.

MÁRCIA – Comece a demonstrar logo, para o tio, como se coloca a camisinha.

SENHOR – Não, não!... Não precisa!... Absolutamente!

MÁRCIA – A professora diz que essa parte é muito importante.

Principalmente para quem não faz uso da camisinha. Poder falar, Jorge.

JORGE – Tio, o senhor coloca a camisinha assim como nessa banana. Na realidade não é banana, o tio sabe disso, né? Tem que fazer desse jeito aqui na ponta para ela não se romper no uso. Tá me entendendo?

SENHOR – Caramba! Donana vem vindo ali.

JORGE – Pronto! Terminei.

MÁRCIA – Obrigada, tio, pela sua atenção. Tome esta camisinha de brinde.

SENHOR – Tá louca?!... Donana me mata se descobrir isso comigo.

MÁRCIA – Vou pôr no seu bolso. (*Põe*). É para usar, tio!... Tchau!

(*Márcia e Jorge saem*).

DONANA (*chegando*) – O que a garota pôs no seu bolso?

SENHOR – Propaganda de lenço perfumado... Só que este tem um cheiro horrível de borracha. Espere um pouco que eu vou até ali na cesta do lixo...

## Coisas do Tônico – 12

(*No hospital, enfermeira e o paciente, Seu Brás*)

ENFERMEIRA – Seu Brás, o senhor está se sentindo bem?

BRÁS – Estou sim, minha filha. Já fui operado?

ENFERMEIRA – Já sim, seu Brás. E foi muito bem. Seu apêndice foi operado na hora certa.

BRÁS – Engraçado. Eu não vi nada.

ENFERMEIRA – Não era para ver mesmo. O fato é que o senhor dormiu e só agora está acordando.

BRÁS – Onde está Fioca?

ENFERMEIRA – Está conversando com o diretor do hospital, seu Tônico. Está lá na sala dele.

BRÁS – Eu queria falar com a Fioca. Preciso tomar algumas providências.

ENFERMEIRA – Ela já foi avisada que o senhor já está aqui no quarto. Daqui a pouco ela vem.

BRÁS – Espero que ela não esteja hoje falando muitas barbaridades.

ENFERMEIRA – Como assim, seu Brás?

BRÁS – Sabe, enfermeira, a Fioca é uma mulher muito boa. Temos um filho doente que ela cuida com um carinho todo especial. Mas,

- quando se trata de palavrão, Fioca é única. Até eu, às vezes, fico meio encabulado.
- ENFERMEIRA – Nós aqui do hospital já a conhecemos, seu Brás. Todo mundo aqui morre de rir com as coisas que ela fala.
- BRÁS – Quem não conhece Fioca é que se assusta...
- ENFERMEIRA – Mas, seu Brás, cá para nós, o seu Tônico gosta também de provocá-la, não é?
- BRÁS – Tônico é um amigo de muitos anos. Você falou uma coisa certa. Tônico gosta muito de provocar a Fioca para ouvir depois as trovoadas.
- ENFERMEIRA – Sabe, seu Brás, o mundo precisa de pessoas assim como dona Fioca. São essas pessoas que dão alegria à vida. Muitas vezes, até no sofrimento, elas conseguem fazer brotar o riso. Eu admiro muito a dona Fioca.
- BRÁS – Enfermeira, me diz o que é esse vidro aí na mesa?
- ENFERMEIRA – Ah, seu Tônico mandou dizer que era para mostrar o que saiu da sua operação. Quer ver?
- BRÁS – Não quero não. Esse apêndice está me parecendo enorme. Quero que ele fique bem longe de mim. Mostre para a Fioca quando ela vier. Eu não gosto de ver nada disso aí...
- FIOCA (*entrando*) – Brás, você já acordou?
- BRÁS – Sabe, Fioca, eu dormi pesado, como há muito tempo não fazia. Não vi absolutamente nada da operação. A única coisa que eu lembro é o enfermeiro me dando uma injeção. Apaguei em seguida...
- FIOCA – Que ótimo, Brás!... Estava conversando com o Tônico. Ele não quer cobrar nada pela internação. Ainda diz que o médico não vai cobrar nada também.
- BRÁS – Isso é chato, não é, Fioca? ... O que parece a gente dando tanto trabalho para o hospital e não pagar nada depois?
- FIOCA – Deixa pra lá, Brás! Depois a gente retribui para eles. Mas, o que é esse vidro aí na mesa?
- BRÁS – O Tônico mandou aqui para você ver o que tiraram de mim.
- FIOCA – Brás!!! Isso aqui não é apêndice. É coisa do Tônico... Está me parecendo uma coisa muito, muito feia mesmo...
- BRÁS – Você está me assustando, Fioca. O que é isso?
- FIOCA – Enfermeira, o que é isso aí que o Tônico mandou colocar nesse vidro? Você me fale a verdade.

ENFERMEIRA – Pelo amor de Deus, dona Fioca, não vai falar para o seu Tonico que eu contei.

FIOCA – Pode deixar, menina, que eu não falo.

ENFERMEIRA – Isso aí é uma genitália de um bode que o seu Tonico guarda mergulhada no álcool.

FIOCA – Genitália de um bode?!!! Enfermeira, pegue esse troço nojento aí e leve para o Tonico. Diga a ele que eu tenho um lugar melhor para ele guardar isso. Fale para ele dobrar, muito bem dobrado, e depois colocar no rabo. No rabo!!!... Ouviu bem?... No rabo!!!

## Coisas do Tonico – 14

*(Tonico, numa escrivania, chega Teodoro)*

TEODORO – Tonico, vim só para lhe dar um bom-dia.

TONICO – Não quer se sentar um pouco, Teodoro?

TEODORO – Não. Estou com pressa. Quero aproveitar para lhe dizer que hoje à noite eu não vou jogar.

TONICO – Pode deixar que eu aviso o pessoal. Só que se você não for, não sei se vai dar quórum para o nosso baralhado.

TEODORO – Não vai faltar parceiro, você vai ver...

TONICO – É, vamos tentar!

TEODORO – Mas, Tonico, me diz o seguinte: que livro é esse aí na sua mesa?

TONICO – Esse aqui?

TEODORO – Esse mesmo. Estou achando o título meio estranho: “Nus Artísticos”. É seu mesmo?

TONICO – Eu ganhei esse livro do major Edir.

TEODORO – Do major Edir?!!

TONICO – Sabe o que é esse livro, Teodoro?... É um livro só para pegar os trouxas. Só tem a capa. Quando se abre o livro, recebe-se um tremendo choque elétrico nas mãos.

TEODORO – Onde será que o major Edir achou esse livro?

TONICO – Ele o encontrou no Rio de Janeiro, numa casa que vendia artigos para mágicos, e se lembrou de mim.

TEODORO – Mais um troféu para a sua galeria de coisas exóticas, não é mesmo? Quem vai ser sua próxima vítima para levar o choque?

TONICO – Quem podia ser?... O mais assanhado dos nossos amigos: o Janguinho.

TEODORO – O Janguinho?!

TONICO – Se você ficar mais um pouco, vai ver toda a cena. Já mandei chamar o Janguinho.

TEODORO – Não, Tonico. Infelizmente tenho que sair. Tchau.

TONICO – Tchau, Teodoro, depois eu lhe conto como foi o choque.

*(Sai Teodoro – entra Janguinho).*

JANGUINHO – Oi, Tonico! Paulina me falou que você queria falar comigo.

TONICO – Queria mesmo, Janguinho. Eu lhe chamei para mostrar um livro que eu ganhei e que a Paulina não pode ver.

JANGUINHO – Paulina foi lá na padaria comprar um pão.

TONICO – Panificadora, Janguinho. Padaria tem um significado pejorativo. Significa outra coisa...

JANGUINHO – Lá vem você com suas coisas... Mostre logo o livro.

TONICO – Janguinho, este livro tem as fotografias mais ousadas do momento.

JANGUINHO – Como ousadas?... Em que sentido?

TONICO – Este livro está cheio de mulheres nuas. O título é: “Nus Artísticos”. Eu acho que ele não deve ser guardado na casa de homens casados. Como você é solteiro, acho melhor você levá-lo para a sua casa.

JANGUINHO – Não sou casado, mas moro com minha irmã, Paulina, que me controla mais do que uma esposa.

TONICO – É mesmo. Não me lembrei da Paulina. Acho melhor você não levar o livro. Se Paulina o encontrar, vai ficar escandalizada.

JANGUINHO – Bobagem, Tonico. Eu não sou mais criança. Além do mais, Paulina não mexe na gaveta da minha cômoda. Eu levo o livro.

TONICO – Está bem então. Eu só quero lhe pedir um favor: só abra o livro quando estiver na sua casa. Ouviu bem?... Só em sua casa.

JANGUINHO – Claro. Eu já passei dos cinquenta. Não é agora que eu vou bancar o adolescente curioso. Vou só abrir o livro quando chegar em casa. Claríssimo!... Até logo.

TONICO – Não vai babar muito com o livro, Janguinho.

JANGUINHO – Quero ver se tudo é artístico mesmo...

TONICO – Até logo.

*(Sai Janguinho – acontece um barulho de coisa caindo).*

JANGUINHO *(fora de cena)* – Ai!!!

TONICO – Eu sabia que ele não chegava em casa...

## Hora da escola

*(No quarto, mãe acorda o filho).*

MÃE – Filho, vamos acordar. Está na hora da escola.

FILHO – Vou ficar só um pouquinho mais, mãe. Estou morto de sono e de dor de cabeça.

MÃE – Os professores, depois vão reclamar do seu atraso.

FILHO – Os professores não gostam de mim.

MÃE – Isso é cisma sua. Os professores são seus amigos.

FILHO – Ah! Vai lá para ver!... São todos uns fingidos... Pela frente são uma coisa, pelas costas, são outra bem diferente...

MÃE – Eu não acho, filho. Os professores da sua escola são muito simpáticos e educados.

FILHO – Esta minha dor de cabeça, mãe, é efeito da reunião que eles promoveram ontem.

MÃE – Reunião para quê?

FILHO – Em vez de aula juntaram, como sempre, alunos e professores para nada. Melhor: para brigarem. Foi a maior zorra...

MÃE – Credo, filho! A troco de quê?

FILHO – É o que eu estou dizendo: a troco de nada. As pedagogas conseguiram tumultuar tudo. Falaram o que não deviam. Os alunos reagiram, e daí foi o caos.

MÃE – Uma bagunça?... Você tomou parte nisso?

FILHO – Eu não, que não sou de briga. Fiquei quieto no meu canto. Só ouvindo.

MÃE – Mas filho, quem estava com a razão?

FILHO – Ninguém, no meu ponto de vista. As pedagogas falaram de um modo muito mal-educado e os alunos, por sua vez, não respeitaram

- os professores. Olhe, mãe, não quero mais me lembrar dessa história...
- MÃE – Eu fico muito triste em saber disso. Eu achava que o ensino só devia melhorar com os recursos modernos.
- FILHO – Só piora, mãe. Só piora!...
- MÃE – No meu tempo havia respeito. Não havia reunião para lavar roupa suja. O que havia mesmo era aula. Era o tempo em que os professores se preocupavam principalmente com a qualidade do ensino dentro da sala de aula.
- FILHO – Estou gostando do seu discurso, mãe.
- MÃE – Ora bolas!... É a verdade! No meu tempo nós aprendíamos. Tínhamos que rebolar para passar de ano. Dia de prova eu acordava de madrugada para estudar. Hoje eu não vejo mais isso.
- FILHO – Hoje está tudo desmoronado, mãe. Pensam até em não mais existir reprovação. Inventam muita coisa nova que não funciona. Hoje ninguém sabe nem como estudar...
- MÃE – São essas reformas novidadeiras, filho. Devia voltar tudo como era antigamente.
- FILHO – Mãe, dê uma licencinha? Deixe-me dormir mais um pouquinho?...
- MÃE – Filho, você tem que mostrar mais responsabilidade. Tem que ir para a escola agora.
- FILHO – Mãe, se eu encontrar agora, no meu estado atual, com um professor, eu garanto que vou ter um troço bem feio...
- MÃE – Você não vai à escola pelos professores. O ideal é o ensino. Os alunos, na escola, são mais importantes de tudo, filho.
- FILHO – Os alunos?... Eles não gostam também de mim.
- MÃE – Ah, assim também é de mais!
- FILHO – O quê, mãe?
- MÃE – Estou começando a pensar que você está ficando pirado. Essas reuniões pedagógicas estão mexendo com a sua cabeça.
- FILHO – Pode ser. Mas, eu estou falando a verdade, mãe, nem os professores nem os alunos gostam de mim.
- MÃE – Vamos, vamos!... Vamos levantar!... (*Puxa a coberta*).
- FILHO – Ai, que desgraça!...
- MÃE – Quem mandou você aceitar o cargo de diretor? Lave o rosto e vai trabalhar.

## Natal feliz

*(Mulher, junto ao marido que assiste televisão).*

MULHER – Querido, não sei como você consegue ver a tarde inteirinha esse programa do Faustão. A televisão acaba pegando fogo. Você não tem outra coisa melhor para fazer?

MARIDO – Hum...

MULHER – Eu acho que você fica parecendo um bobão querendo ver essas meninas de shortinho fazendo ginástica. Acertei ou não acertei?

MARIDO – Hum...

MULHER – Eu acho que a tevê não demora focalizando as moças para deixar os homens neuróticos e esperando mais. Ficam sempre com a esperança de ver de mais perto as pernas das garotas, não é?

MARIDO – Hum...

MULHER – Olhe, querido, parece incrível mas já estamos no mês do Natal. Nós precisamos decidir o que vamos fazer. Eu não queria cear este ano na casa de sua mãe. Podíamos fazer a ceia aqui em casa. Você acha que sai muito caro?

MARIDO – Hum...

MULHER – Não é que eu não gosto de sua mãe, mas poderíamos convidar nossos amigos e meus parentes que nunca têm vez. Eu acho chato levar os amigos e parentes para a casa da sua mãe. E, além de tudo, eu acho que ela não gosta das nossas amizades. Você não acha?

MARIDO – Hum...

MULHER – No final das contas, eu tenho a certeza de que não vai sair caro. Comprariamos porco ou peru, não podemos fugir disso. É a tradição, como você sabe. E porco e peru você tem possibilidade de tirar fiado no açougue. Você concorda comigo?

MARIDO – Hum...

MULHER – Só que temos que decidir isso logo. Será que até o dia 20 o Estado já pagou o décimo terceiro salário? Eu sei que o que você recebe é pouco, mas a gente tem que viver assim mesmo, não é?

MARIDO – Hum...

MULHER – Muitas lojas estão fazendo promoção de brindes para o Natal. Já pensou se ganhamos um carro? Eu sei que carro só dá despesa, mas a gente pode vender o carro e mandar pintar a casa que está horrorosa. Você concorda comigo?



JOÃO – Isso dá uma grana respeitável, Maria!... O problema é que a novela das oito deve ser forte, polêmica e original para eles comprarem.

MARIA – Você não topa escrever junto?... Os autores seriam: Os Irmãos Maria e João.

JOÃO – Olhe que eu topo!... Podemos começar agora.

MARIA – Tá certo! Quem vai anotar?

JOÃO – Você! É mais velha e escreve melhor.

MARIA – Mais velha só um ano e três meses... Mas, tudo bem!... Pode deixar! Eu escrevo.

JOÃO – Faça um rascunho que depois eu passo o texto para o computador.

MARIA – Certo!... Eu sugiro que seja a história de vários membros de uma mesma família.

JOÃO – Deve ser uma família rica, Maria. Ninguém gosta de novela na pobreza. Vai haver uma supercasa com uma superpiscina, um superjardim e aquela superdecoração em tudo. Um superpadrão Globo.

MARIA – Certo, João!... Vamos colocar um casal com quatro filhos, dois rapazes e duas moças...

JOÃO – O casal faz tempo que não tem relações sexuais. É um mistério! Ninguém sabe, no início, o porquê disso...

MARIA – O primeiro filho, mais velho, é esquisitão. Vai-se percebendo, pouco a pouco, que ele é apaixonado pela mãe...

JOÃO – Isso mesmo!... Um dia ele se envolve sexualmente com a mãe, na supersauna da casa. Depois disso o rapaz enlouquece. Passa a andar nu e sempre gritando...

MARIA – Deve ser um ator atlético, João, pois a televisão deve mostrá-lo com o nu frontal, andando pela casa...

JOÃO – Será que a Globo vai permitir isso?... O traseiro eu sei que não tem problema nenhum. Na “Dona Flor” a Globo mostrava sempre o bumbum do Vadinho.

MARIA – Temos que ousar mais, senão a novela não emplaca.

JOÃO – O segundo filho, Maria, vai ser estuprado por um colega da faculdade, forte, negro e pobre. Ele não revela isso para ninguém. É seu segredo!...

MARIA – Aí, João, com o decorrer dos capítulos, ele se apaixona pelo colega. Acaba fugindo de casa, vestido de mulher, para viver com o negrão pobre.

JOÃO – A filha mais velha detesta a mãe e idolatra o pai. Um dia o pai bebe um pouco mais e a filha se aproveita disso. Ela tira a roupa e se põe na cama, como se fosse a mãe... Este será o fim de um capítulo. No outro, Maria, aparece a transa dos dois, meio no escuro...

MARIA – A menina mais nova cobiça o irmão nu. O louco grita sempre que ela se aproxima. Prefere a mãe!...

JOÃO – O velho motorista da casa costuma passar a mão na coxa dessa menina, enquanto dirige o supercarro. Uma noite ele deixa a porta aberta de seu quarto e a convida para ir lá...

MARIA – Ela vai, João, e se torna amante desse velho. É sua vingança por não conseguir ter relações com o irmão louco.

JOÃO – E o final da novela, Maria?... Vamos pensar?...

MARIA – Bem, aquele filho que foi embora com o negrão, nunca mais aparece. A filha que teve caso com o motorista velho é morta pela mãe. Vai ser um acidente não muito bem explicado...

JOÃO – A outra filha suicida-se, junto com o pai. Fazem um pacto de morte. Deixam uma carta de amor bem triste...

MARIA – O motorista velho se arrepende de tudo e vai viver num convento. Sobra só a mãe que fica morando com o filho louco naquela supercasa. João, a Globo vai adorar!... Nossa novela está forte, polêmica e original!

JOÃO – Barulho de chave?... Mamãe está chegando, Maria!...

MÃE – (*Entrando*) - Joãozinho e Maria, vocês ainda não dormiram?

Já é madrugada, crianças! Vão para o berço que amanhã eu prometo levar vocês para brincar no parquinho infantil...

# Abrão Razuk

---

Abrão Razuk nasceu em Campo Grande (MS) em 1940. Advogado. Escreve para jornais do Estado. Publicou: ENFOQUE DO DIREITO JUDICIÁRIO CIVIL, DA PENHORA. Ocupa a cadeira n. 18 da Academia.

## Evolução de Campo Grande

Campo Grande se desenvolveu graças à iniciativa privada. Está localizada no Centro-Oeste brasileiro e geograficamente é privilegiada. Daqui se comunica com Paraguai, tem acesso aos Estados do Paraná e São Paulo.

Os imigrantes exerceram papel destacado na formação e progresso desta bela cidade morena.

Os japoneses fomentaram a agricultura e os árabes o comércio. As famílias árabes pioneiras, dentre outras, foram Razuk Jorge, José Abrão, Abdalla Jorge Warde, Carmo Jabour, Jamil Nachif, Antônio Siufi, João Domingos, José Domingos, Família Basmage, Abrão Anache, Naim Dibo, Salim Maluf, Aikel Mansour, Família Saad, Chadi Scaff, Família Sadalla, Rahmo Abdulahad, Miguel Bedoglim, Rachid Neder, Salim Saad, Alfredo Saad, Fuad Saad, Elias Saad, Felipe Nimer, Assaf Trad, Família Adri, Spipe Calarge, Miguel Ouriveis, Abrão Júlio Rahe, Elias Zahran, Salomão Jorge Warde, Camo Jorge Warde, Jorge Razuk, Tufi Razuk, João Razuk Jorge, Habib Possik, Kalil Jacob e Issa Jacob, Família Maksoud e Demétrio Aquino, Aziz Jorge Warde, Abrão Alle, Miguel Duailibi, Jorge K. Dualibi, Família Saueia, Família Chacha, Ibrahim Melke, Família Sater, Simão Abrão, Gabriel Domingos, Jacob Marques, Família Maksoud, Família Siufi, Família Chaia, Família Tannous, Família Orro, Família Saliba, Família Derzi, Família Massud, Família Abussafi, Família Jafar. Estes foram os pioneiros na

formação desta linda cidade morena. É evidente que algumas pessoas que foram esquecidas serão lembradas em outra oportunidade.

Indubitavelmente, estes patriarcas foram verdadeiros heróis. Eles deixaram descendentes e hoje, já na terceira geração, onde se destacam seus filhos e netos, sendo estes últimos na maioria profissionais liberais, políticos e comerciantes. Eram homens trabalhadores, corretos e de caráter e excelentes chefes de família, cuja filosofia era o trabalho, amor à família e amor ao Brasil. Campo Grande nasceu vocacionada para ser grande cidade. Da sua fundação até a divisão do Estado, em 11 de outubro de 1977, seguramente ele cresceu mercê do trabalho hercúleo de sua gente. A vinda da Noroeste do Brasil e a instalação do quartel-general, por Pandiá Calógeras, Ministro da Guerra, e da Base Aérea foram fatores decisivos para a formação de sua gente, consubstanciada no lema: trabalho e ordem.

O Rádio Clube foi essencial na formação de nossa cidade. Ali, muitos se conheceram: moças e rapazes dando azo à formação de incontáveis famílias campo-grandenses. Sem sombra de dúvida, uma das maiores expressões de glamour e bondade de sua diretoria, foram Gabura, Ercy Barcelos, Lúdio Martins Coelho, Paulo Simões Corrêa, Carlos Hugney Filho, Quintanilha Ribeiro, Laurentino Chaves, Vespasiano B. Martins e outros. Enfim, era uma família.

*Mutatis mutandis*, da divisão do Estado para o ano 2000 o quadro mudou. Impera a dinâmica do Poder estatal, esta máquina lerda, cheia de colesterol ruim, incompetente, morosa e injusta. Na era cósmica e da Internet impera a mentalidade de jabuti. Chamamos a juventude sadia para assumir o poder. Nesta juventude nós acreditamos. É a esperança.

Muitos profissionais estão na livre iniciativa por falta de opção para exercer a função pública. As despesas de funcionários aliadas aos desmandos governamentais e a má gerência pública e dos negócios públicos (por burrice) provocaram a ausência de progresso em vários setores, gerando mentalidade rançosa, daí a má qualidade de vida. Um país onde até um juiz atípico é procurado ao estilo de faroeste *wanted*. A atenção governamental na saúde e educação é zero. Imperam o engodo e a falácia. O problema é moral e cultural. É mister a mudança de mentalidade e com a formação política dos jovens será possível reverter este quadro retrógrado do espólio “do meu e do teu”.

É mister investir na criança e na juventude.  
Sejamos competentes.  
*Ó tempora. Ó mores.*  
É mister formar uma juventude sadia e patriótica.  
Amor à Pátria. Jovens com ideal e amor ao seu Estado.

Este é nosso escopo ao ensejo dos 23 anos da divisão do Estado. O Brasil dentro de vinte anos será a maior nação do mundo. Esta previsão ocorrerá se houver mudança de mentalidade. Que os homens “corruptos e velhacos” sejam substituídos por homens de bem e de moral ilibada. Este é o nosso sonho. Também temos o direito de sonhar.

## O outro lado

Resolvi escrever esta crônica baseado em fatos do cotidiano. Há um provérbio popular: “cada cabeça uma sentença”. O escritor pode falar sobre vários assuntos. O ser humano passa na trajetória de sua vida por incontornáveis situações, ou seja, quando menino “a vida, é um sonho”; tudo tem cor maravilhosa; o mundo é um mar de rosas. É lógico que cada pessoa, individualmente, do nascimento à morte, tem um destino. Eu, filho de árabe, creio piamente no destino. *Maktoub*. Está escrito. Com o decorrer do tempo percebe-se que nem tudo é mar de rosas, porque há o outro lado. Há pessoas que alcançam pequeno sucesso e acham que aquilo é duradouro e vivem o mar de rosas, esquecendo-se do outro lado.

Exemplifiquemos, só para efeito de narrativa: um ser que eventualmente se candidata a um cargo eletivo e obtém sucesso, conseguindo o cargo almejado. Nele atinge o clímax, acha-se e fica vaidoso, orgulhoso e começa a olhar para as pessoas de cima para baixo; torna-se gigante, vendo os demais ao seu redor como anões. Contudo, esquece que existe o outro lado. É curial que o homem deve estar preparado espiritualmente para o outro lado, sob pena de cair em depressão e ostracismo. Por exemplo, um almirante, um general, um ministro do S.T.F., um governador, às vezes, não se preparam para o outro lado e muito sofrem quando se aposentam. Há um provérbio popular cuiabano que diz: “Quando o sujeito se aposenta em cargo importante nasce capim na porta de sua casa”. Daí ser importante o preparo para o outro lado. A importância do cargo re-

flete prestígio, salamaleque, atingindo os próprios familiares do detentor do cargo (sentido efêmero). Quando vem a aposentadoria (invalidez ou velhice), há uma metamorfose chocante, cujos eflúvios abalam toda a corte – eis aí o outro lado.

Quando atinge maturidade da vida, o homem entende que “tudo é vaidade”. O maior bem espiritual, acima de tudo e todo poder, é o amor dos pais pelos filhos; este, sim, é o outro lado, universal, perene e milenar.

O outro lado desta crônica é o relicário do amor da mãe e do pai – nem sempre a recíproca é verdadeira – mas o primeiro nunca está sujeito a erro, porque é lei imutável, por decisão do maior magistrado e presidente de tudo que existe: Deus. Este é o outro lado, onde um dia estaremos. Lá tudo é paz e harmonia; lá não existem juros, bancos, FMI, lágrimas e, sim, luzes dadivosas. O abraço fraterno do pai. O abraço e beijo maternos.

Eis aí o mistério do outro lado que a vida nos ensinou. É a maturidade. É a serenidade, o equilíbrio e o espírito de justiça e simplicidade. Devemos questionar-nos, entre virtudes e defeitos, se a somatória pende para cima o outro lado. Disse Cristo: “Ama o próximo como a ti mesmo”. Após longa reflexão, devemos sempre procurar o aperfeiçoamento, pois somos seres frágeis e diminutos ante a grandeza do universo.

Eis, aí o outro lado.

## Armau

Procurei, nos dicionários – KOOGAN/HOUSSAIS – Enciclopédia e Dicionário Ilustrado – Edições Delta – 1998 – com 75.000 verbetes, e MICHAELIS – Moderno Dicionário da Língua Portuguesa – com mais 200.000 verbetes e subverbetes – Editora Melhoramentos – 1998 – o vocábulo *armau*, todavia não o encontrei.

Armau, um peixe encontrado nos rios Miranda, Aquidauana e Paraguai, é devorador de isca. Trata-se de peixe de couro e de grande apetite. O pescador não gosta de comê-lo e passou a ser um peixe antipático. Porém, perante a natureza, ele é importante, no equilíbrio do ecossistema, partindo do raciocínio de que “a natureza nada faz em vão”. Passou a ser antipático porque a dúzia de minhocoçu mineiro custa a-

tualmente R\$ 18,00 em Miranda (MS), isca vital na pescaria de água doce, máxime no Pantanal, ou seja, na pesca do jaú e pintado.

Como a família de pescador é grande, a palavra *armau*, como gíria ou neologismo, passou a ser sinônimo de chato. Indivíduo chato. Fulano de tal é armau.

*Mutatis mutandis*, será que o corrupto poderia ser chamado de armau? Cremo-lo que não. O peixe armau é humilde. Ele é massacrado. Sofre torturas. É morto. Nada é feito por ele. O pescador doloso, denominado de carniceiro, mata-o a pau. O armau não tem defensor. Sequer tem defensor dativo ou público. Ninguém luta por ele. É uma vítima do massacre que o homem denominou de moderno, da era da Internet, do vôo espacial, da Medicina Genética, da Imunologia, do avanço da Bioengenharia na Medicina.

Que paradoxo é a vida.

De um lado, o armau é massacrado; de outro, o criminoso de colarinho branco ou bandido com cargo e destaque social e falso moralista tecnicamente, chamado de corrupto. A corrupção chegou a tal ponto no Brasil que está comprometendo a própria instituição. Na Roma Antiga, o agente que roubasse um cavalo era apenado com morte, porquanto este animal era bem de vida essencial para o transporte das pessoas. Era importante para a sociedade, daí o rigor da lei penal.

Ora, se atingiu patamar anormal, a corrupção abala seriamente as instituições. Logo, é mister mudança na lei para punir o corrupto, após provas sérias e fundadas, com prisão perpétua e como crime hediondo, pois, em última instância, é um crime de lesa-pátria, porque prejudica toda a nação: perturba o poder; desanima os trabalhadores; incentiva os honestos a serem desonestos; serve de péssimo exemplo para crianças e jovens; desestimula o trabalho; prejudica a receita ao Poder Público; desestimula o esforço e liquida o merecimento; cria revolta no cidadão.

O mal da corrupção é tão grande que a ação física do agente com disfarce ou sem disfarce, com laranja ou sem laranja, com poder ou sem poder, viola o sagrado bem jurídico que é a pátria. Corruptos, por favor, corrijam-se com os exemplos de Jesus que pregou a paz e o bem e o humilde armau, que sofre sem defensor. Lembrem-se nas solenidades, quando é tocado o Hino Nacional, de que devemos reverter este quadro,

custe o que custar para que sonhemos com a Pátria que tanto Caxias amou e defendeu.

Os políticos corruptos, havendo prova robusta, processo regular e ampla defesa, sem o procedimento de notoriedade pessoal da CPI, merecem o desprezo da sociedade – e devem ser rejeitados pacificamente pelo voto nas urnas.

Que o político corrupto vá para onde foi Miloni, na antiguidade, que ali morreu no deserto, por ter sido acusado de corrupto em Roma.

Para ele o crime deve ser qualificado, pelo mal que acarreta para a sociedade. Seu lugar não é como homem de destaque e, sim, com uniforme xadrez na penitenciária.

Por favor, deixem o armau em paz.

# Arassuay Gomes de Castro

---

Arassuay Gomes de Castro nasceu em Cuiabá (MT), em 1926. Professor e servidor público estadual. Escreve para jornais do Estado. Publicou: MANUAL DOS CONCURSOS PÚBLICOS, INFRAÇÕES E PENALIDADES DO ICM, A PREVIDÊNCIA SOCIAL POR PERGUNTAS E RESPOSTAS. Ocupa a cadeira n. 24 da Academia, de que foi presidente.

## Fronteiras e limites

O Tratado de Tordesilhas: os fatos narrados a seguir tiveram origem à época das grandes navegações marítimas realizadas pelos portugueses e espanhóis, no final do século XV, e se relacionam com a História de nossa Pátria, antes mesmo do seu descobrimento. Naquele ano de 1494, na localidade de Arévalo, nas cercanias da cidade de Tordesilhas, província de Valhadolid, um tratado entre Portugal e Espanha pôs fim ao conflito sobre as terras descobertas por Cristóvão Colombo e os navegadores portugueses no século XVI.

Invocando a sua qualidade de representante de Cristo, o Papa Alexandre VI, que era espanhol – Rodrigo de Bórgia, arrogou-se no direito de dividir o mundo em duas metades, entre as duas maiores potências marítimas da época. Tal fato provocou por parte do rei da França, Francisco I, a sarcástica referência de que tal cláusula não constava no testamento de Adão.

Pelo referido acordo, as terras descobertas e pertencentes a Portugal deviam ficar entre um meridiano situado a 370 léguas a leste entre as ilhas de Cabo Verde e das Antilhas, as da Espanha, desse ponto e seguindo sempre na direção do Oeste do referido meridiano.

Pois bem, se fossem mantidas essas condições e esse tratado fosse fielmente obedecido, o Brasil seria apenas uma faixa litorânea demarcada entre as atuais cidades de Belém do Pará e Laguna, no Estado de Santa Catarina. Durante duzentos e cinquenta e seis anos, a linha imaginária deste histórico documento permaneceu em vigor, até que Portugal e Espanha, no interesse de melhor definir os contornos geográficos de suas posses, dispuseram-se a celebrar um segundo tratado, que foi assinado em Madri, no dia 13 de janeiro de 1750, pelos embaixadores de Portugal e Espanha, que a história registrou como o Tratado de Madri, ponto de partida para outros instrumentos legais, baseados nas normas do Direito internacional.

O Tratado de Madri. O maior interesse na celebração deste novo Tratado era por parte da coroa espanhola, de vez que já se sabia que os bandeirantes haviam desrespeitado o Tratado de Tordesilhas, levando as fronteiras do Brasil até o rio da Prata, ganhando o Centro-Oeste, atraídos pelas minas de ouro de Cuiabá e seguindo daí até o rio Guaporé e teriam chegado até a atual República do Peru, caso não fosse aplicado este instrumento legal.

Tais fatos possibilitaram a criação da Capitania de Mato Grosso, desmembrada de São Paulo, pela Carta Régia de 9 de maio de 1748, sendo nomeado então o seu primeiro governador o capitão-general Dom Antônio Rolim de Moura Tavares, que se estabeleceu na primeira capital de Mato Grosso, a cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, às margens do rio Guaporé, na fronteira da atual alta República da Bolívia.

Para efetivar os termos desse acordo, foi mandado construir um marco, rica peça arquitetônica, lavrada em mármore, com o emblema das coroas lusitana e espanhola, sendo implantado às margens do rio Jauru, nas cercanias da atual cidade de Cáceres, no ano de 1754, pelo primeiro governador da capitania de Mato Grosso, Dom Antônio Rolim de Moura Tavares.

# Heliophar de Almeida Serra

---

Heliophar de Almeida Serra nasceu em Corumbá (MS), em 1917. Desembargador aposentado. Escreve para jornais do Estado. Autor de A FASCINANTE NATUREZA HUMANA e FRAGMENTOS DO QUOTIDIANO. Ocupa a cadeira n. 3 da Academia.

## Do fundo da noite

O relógio da parede do Samdu marcava 23:15. O dr. William Maksoud desabou seu corpanzil e simpatia num sofá, retirou do pescoço o estetoscópio, esfregou o rosto com as mãos em concha e desabafou: – Puxa, Túlio, hoje estou pregado. O plantão foi bárbaro!

Arrumou um travesseiro, ajeitou a cabeça, fechou os olhos. Daí a instantes, passou a ressonar.

O dr. Túlio Rodrigues sorriu para o colega exausto, preparando-se para o seu plantão de zero hora até as seis da manhã. Não demorou muito e Ramona, a enfermeira, entrou no quarto apressada. Chamou de mansinho: – Dr. William. Dr. William.

Não terminou a frase, interrompida pelo dr. Túlio: – Deixa o dr. William em paz. Já estou de plantão. O que há?

– Dr. Túlio, é um chamado urgente da Rua Maracaju.

Criado em 1957 pelo dr. Wilson Fadul, então Ministro da Saúde, o Samdu (Serviço de Atendimento Médico de Urgência) funcionava num amplo prédio, na Avenida Afonso Pena, abaixo do edifício Dona Neta, quase esquina com a Rua 14 de julho, em Campo Grande. Prestou relevantes serviços à população campo-grandense, quando a cidade ainda não dispunha de atendimento dessa natureza.

Integravam o quadro do Samdu conhecidos médicos, entre os quais dr. William Maksoud (que mais tarde assumiu a superintendência), Wal-

frido Azambuja, Lourival de Almeida Serra, Hirose Adania, Silvio Torrecilha, Etiene Palhano, Dióscoro Gomes, Roger e Nelson Buainain, Mário de Barros. Entre os enfermeiros, Brandão, Nelson Nahas, José Maria, Hildebrando, Ramona, Maria Nahas, Celsa, Julieta, Ana e Wilma, e outros que nos escapam da memória.

Num abrir e fechar de olhos, o dr. Túlio pulou na ambulância, que costurou as ruas da cidade, no silêncio da noite, dirigida pelo motorista José Lemos. Estacionou à frente de uma casa humilde, separada da rua por uma cerca de bambu.

– É aqui, Dr. Túlio.

Sem esquecer a maleta de mão, o médico entrou na casa mal-iluminada. Defrontou-se com o doente, encolhido na cama e rodeado de familiares aflitos. Era um senhor magro, de uns sessenta e cinco anos de idade. Pressão arterial alta, temperatura elevada, respiração difícil.

– Pneumonia – diagnosticou em silêncio o médico, depois de completar os exames. Acalmou e infundiu coragem à esposa, determinou que o enfermeiro aplicasse duas injeções, tomou um cafezinho e, depois de outras providências, retornou à sede do Samdu.

O plantão continuou... e, com ele, uma sucessão de casos mais diversos: coma alcoólico, ferimentos a faca (“não esqueça de notificar a polícia” – recomendou o dr. Túlio), parto natural (uma linda menina), queimaduras, fraturas, etc.

Quase às duas horas da madrugada, entrou na sala um caboclo humilde, carregando nos braços a filha pequenina. – Minha filhinha está morrendo, doutor – murmurou angustiado.

E estava mesmo. Quadro típico: rosto cianótico, olhos avermelhados, amígdalas cobertas de placas brancas irregulares, temperatura de 39,40 graus, respiração difícil, halitose. Dr. Túlio não hesitou: preparada a criança, com o bisturi fez a divulsão dos músculos, e uma vez nua a traquéia, abriu um corte longitudinal de um centímetro, mais ou menos, abaixo do pomo-de-adão, perfurando. Introduziu no orifício uma cânula. Com o ar penetrando em seus pulmões, a criança começou a respirar, perdendo paulatinamente o arroxeadado do rosto.

– O senhor salvou minha filhinha, doutor. Louvado seja Nosso Senhor – exclamou o pai num angustiado grito de alívio.

– Rápida, Dona Wilma – comandou o dr. Túlio. Determinou que a enfermeira aplicasse 100.000 u. de soro antidiftérico na criança. Horas depois, e com a aplicação de outros remédios, a paciente começou a melhorar. Pela primeira vez, o dr. Túlio respirou aliviado. Cansado e feliz.

– Muito agradecido, doutor, muito agradecido, doutor — tartamudeou o pai, querendo beijar as mãos do médico, à viva força.

.....

Assim era o Samdu.

Lá fora, no céu, o dia nascente parecia compartilhar da alegria humana, nas cores róseas do amanhecer.

## A fundação do Rotary Club

Corria a década de 1950.

Importantes acontecimentos abalavam o mundo e o Brasil. As nações colonizadas começavam a sacudir o jugo da escravidão, em busca de sua soberania. Fim da guerra da Indochina, independência do Camboja, Laos e Vietnã. No norte da África, se viram três nações independentes: Marrocos, Tunísia e Gana. Aprovado o plano para a construção de Brasília, no planalto central. Morre tragicamente o engenheiro Bernardo Sayão, na Rodovia Belém – Brasília. Primeiro transplante de rim, no Brasil. Pousou do Lunà I, russo, na Lua. O cientista Albert Sabin descobre a vacina contra a poliomielite. No Brasil, começa a produção do sedan DKW, o primeiro automóvel de passeio fabricado em nossa terra. O Presidente Juscelino Kubistchek inaugura Brasília.

Em Aquidauana, três coroas ouviram falar a respeito de um novo e esquisito clube de serviço, Rotary, de âmbito internacional, e de grande sucesso. Pensaram em fundá-lo em nossa cidade, mas nada conheciam sobre o novo clube. Então, João Pace, com voz suave e aquele jeitinho de embaixador, propôs aos dois outros, Luís Rondon Pontes e Mário S. Arima: – Vamos a Campo Grande nos informar a respeito.

Foram. Regressaram felizes, com todas as informações recebidas e com a promessa de cooperação pessoal. Ficaram sabendo que o primeiro clube de Rotary foi fundado na cidade de Chicago, Estados Unidos, no dia 23 de fevereiro de 1905, por um advogado chamado Paul Harris.

Rotary deriva de uma palavra inglesa e equivale a rotativo, giratório, circulatório, isso porque as suas primeiras reuniões foram realizadas em rodízios, cada vez no local de trabalho de um dos sócios.

Inexiste no clube qualquer preconceito de raça, cor, religião ou política. O Rotary tem por objetivo estimular e fomentar o ideal de servir como base de todo empreendimento digno, promovendo e apoiando:

1° – o desenvolvimento do companheirismo como elemento capaz de proporcionar oportunidade de servir;

2° – reconhecimento do mérito de toda ocupação útil e a difusão das normas de ética profissional;

3° – a melhoria pela comunidade pela conduta exemplar de cada um na sua vida pública e particular;

4° – a aproximação dos profissionais de todo o Mundo, visando à consolidação das boas relações, da cooperação e da paz entre as nações.

....

Na semana seguinte ao regresso do trio aquidauanense, numa quarta-feira, um avião decolou da Base Aérea de Campo Grande. Pilotava-o o major Y-Juca-Pirama, comandante da Base, que seguia com destino a Aquidauana com outro rotariano, Vasconcelos Fernandes, ambos com objetivo de orientar a fundação do Rotary Club da Princesa do Sul. O avião decolou com o céu de brigadeiro e ganhou altura e... inexplicavelmente, baixou o focinho, desceu como uma bala e explodiu no chão, ainda nas imediações da Base. O major Y-Juca-Pirama e Vasconcelos Fernandes transformaram-se em dois troncos de carvão entre as ferragens carbonizadas do avião. A notícia correu célere e traumatizou o coração dos campo-grandenses, porque as vítimas eram superestimadas.

Esse trágico acontecimento retardou a fundação do Rotary Club de Aquidauana. Somente um ano depois ocorreu a primeira reunião para a fundação do clube, na residência do forte e estimado comerciante Bichara Salamene (libanês de nascimento, brasileiro de coração e de alma), precisamente no dia 19 de dezembro de 1951. Prestigiaram-na o dr. Francisco Aires (representante especial de Herbert Franklin de Arruda Pereira, governador então do distrito 119 do Rotary Club de Campo Grande), dr. Jaime Ferreira Vasconcelos (presidente do Rotary Club de Campo Grande), Mário Marques (vice-presidente do Rotary Club de Bela Vista, MS).

## Um bugre na Paulicéia

Itúrbides cursou o ginásio como interno do colégio Liceu Coração de Jesus, na Paulicéia. Ele e o irmão mais velho, Lourival de Almeida Serra, hoje médico. Mas que temperamentos diferentes, meu Deus do céu! Enquanto Lourival conquistava medalha de ouro pelo seu comportamento e disciplina, Itúrbides não conseguiu nem medalha de latão. Era irrequieto, travesso, respondão. Apesar de tudo, desfrutava da compreensão e da estima dos padres salesianos, seus superiores e mestres. Ao final do curso, foi eleito orador da turma, por aclamação.

Ao terminar de proferir seu discurso, em sessão solene do colégio, o paraninfo, dr. Spencer Vamprè, famoso advogado paulista, indagou do padre diretor: – Quem escreveu o discurso para esse rapaz?

– Ninguém. Foi ele mesmo – respondeu o padre Emílio. E o dr. Vamprè, surpresa: – Que talento! Que discurso sério, diferente, embasado em interessantes conceitos filosóficos, dificilmente encontrados num rapaz dessa idade. Meus parabéns, padre diretor.

Os senadores dr. José M.F. Fragelli e dr. Wilson Barbosa Martins conheceram Itúrbides intimamente, quando os três estudavam na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e residiam numa pensão localizada na Alameda Glette, em São Paulo.

– Itúrbides – disse Fragelli – de fulgurante inteligência, lia e estudava muito. Possuía assombrosa capacidade de assimilação. Enquanto nós nos empolgávamos com livros comuns, Itúrbides devorava tratados de Filosofia. De lápis em punho lia, meditava e anotava. Varava as noites nisso. Teria sido um grande líder político se tivesse vindo para Mato Grosso.

De grande sensibilidade, Itúrbides foi o confidente de toda a família e dos amigos. Era a caixa de ressonância das alegrias, das tristezas, das decepções, das amarguras dos outros. Sabia ouvir e sabia aconselhar com profunda sensatez. Nada o surpreendia e o abalava: Gorbachev fugiu com a Xuxa, a torre Eiffel e o Big Ben foram escamoteados por ladrões internacionais, Fidel Castro abjurou o comunismo e ingressou num convento, Zélia Cardoso de Mello parou com suas atitudes “bovárias”... Itúrbides recebia a notícia com bonomia e um largo sorriso. Atitude não de indiferença, mas de profunda compreensão da natureza humana e da relatividade das coisas.

Delicado no trato, era, porém, terrível em determinadas circunstâncias. Ficou célebre, entre os advogados daquela época, o seguinte episódio, que ele não gostava de recordar.

Em plena audiência de instrução e julgamento, no fórum da capital paulista, o juiz de direito, perdendo a calma, arremessou o grosso volume dos autos sobre Itúrbides, que, ágil, apanhou no ar o processo e o devolveu, com idêntica violência, na cabeça do magistrado.

Sorriu calmamente e disparou a farpa: – Vossa Excelência iniciou o basquete... e eu continuei. Mas... convenhamos, Excelência: é uma prática esportiva inadequada neste respeitável recinto.

E, ainda sorrindo, indagou: – Vossa Excelência não acha?

. . . .

– Itúrbides era um monumento – definiu o dr. Mário Duarte, renomado médico da Beneficência Portuguesa, de São Paulo. Enquanto bebericava se escocês, girando os cubos de gelo com o indicador da mão direita, discorria sobre coisas sérias e, de quando em quando, virgulava com um chiste:

– Na verdade, Duarte, fazer visita é chato – pra quem faz e muito mais ainda pra quem recebe.

E sorria meio sorriso com os lábios e dois, com os olhos.

# Hernani Donato

---

Hernani Donato nasceu em Botucatu (SP), em 1922. Jornalista. Recebeu diversos prêmios pelos seus trabalhos em televisão e cinema. Reside em São Paulo (capital). De suas numerosas obras destacam-se: SELVA TRÁGICA (sobre o mundo da erva-mate – transformado em filme) e DICIONÁRIO DAS BATALHAS BRASILEIRAS. Ocupa a cadeira n. 1 da Academia.

## O presente maior: a mandioca, pão vinho do céu

Vigorou consenso entre os povos: das utilidades e revelações feitas por Sumé-Viracocha-Tonapa-Questzalcoatl-São Tomé, a mais valiosa foi a da mandioca.

Trazendo do céu algumas ramas, forneceu ao homem o alimento básico, farto, fácil de obter, de preparar, de conservar, de transportar, consumível sob variadas formas.

A mandioca foi identificada durante pelo menos um século em todos os lugares com o grande espírito que se fora e voltaria.

Robert Southey abandona por um pouco o tom circunspecto do geral da obra para tecer loas à mandioca e a quem a deu aos índios. Justificando, dedicando cinco páginas àquela planta, ponderou que “se Ceres mereceu um lugar na mitologia da Grécia, com muita maior razão se devia esperar a deificação de quem ensinou aos seus irmãos o uso da mandioca”.

Não menos digno de acatamento o que Saint-Hilaire incorporou à sua obra *Segunda Viagem ao Interior do Brasil*, reforçando o inglês Southey: “Os índios do Brasil... acreditavam que fora trazida por um velho de barbas longas, chamado Zamé ou Tzamá, vindo do leste...”.

## E a batata-doce, o milho...

André Thevet detalhou o informe passado pelos tupinambás acerca da batata-doce: “Perguntado se não seria este Deus o mesmo profeta que lhes ensinara a plantar os tubérculos que chamavam jetica”, responderam que “uma vez apareceu entre eles um grande caraíba (homem branco), que se dirigiu a uma jovem e lhe confiou uma raiz volumosa denominada jetica, ensinando-lhe a cortá-la em fatias, plantando-as depois na terra. Assim fez a moça...” Gonçalves Dias, comentando as observações de Thevet, lembra acréscimo feito pelo francês: “Foi Maire Monan que, sob a forma de um menino, brincando com outros de sua idade, fez presente à terra da batata-doce, do milho, da fava e da mandioca.”

Não só na Bahia, ou pelo norte e no Paraguai. Onde houve roças indígenas de mandioca e onde a mandioca foi a principal alimentação. É de Montoya, no *Primitiva Catequese aos Índios das Missões*, este depoimento redigido em 1754: “O uso desta mandioca dizem que foi apóstolo São Tomé quem dantes ensinou às gentes. Um pau à-toa tomou o bem aventurado apóstolo e o fez partir em pedaços. Esses pedaços de pau fez enterrar e, embora sem raiz, começaram eles a brotar lentamente e a criar debaixo da terra grossa raiz.”

Meio século antes, o poeta Manoel Botelho de Oliveira, em nome do povo indígena e da gente baiana, agradecera a São Tomé o haver revelado a mandioca aos homens carecidos de boa e bastante comida. Em 1705, escrevendo o poema “À ilha de Maré”, versejou: “A mandioca que Tomé sagrado/ Deu ao mundo amado/ Tem nas raízes a farinha oculta...”

No Maranhão, igualmente. Ives d’Evreux, no princípio do século XVI, colheu entre indígenas a notícia de que “outrora veio aqui um grande Maire Ata, isto é, Apóstolo de Deus... foi quem mostrou a mandioca, as raízes para fazer pão, porque antes só comiam nossos pais raízes do mato.”

A revelação sumeana é referida por excelentes autoridades. Varnhagen, citado por Rocha Pombo (*História do Brasil*), referendou que “a tradição recolhida da boca dos índios em tantos pontos do país e por autoridades diferentes é concorde em asseverar que parte da antiga civilização dos aborígenes, e sobretudo a cultura e a preparação da mandioca, fora trazida por um estrangeiro barbado, de quem conservaram memória. Chamam-lhe Sumé...”

A atribuição varou os tempos. Em 1997, Jorge Caldeira, coordenando o livro *Viagem pela História do Brasil*, incluiu nele a afirmação de que “vários mitos explicavam o cultivo da mandioca. Um deles, originário da América Central, dizia que Sumé ou Tumé, um homem branco e poderoso que andava sobre as águas e deixava rastros em pedras, certa vez partiu seu bastão e enterrou um pedaço dele, dando assim origem à planta ...”

## A revelação da *caá* – a erva-mate

Existiram, sim, afinições regionais, locais. No Paraguai, país da erva-mate, chamaram-no Pá í Tumé - Senhor Sábio. Embora não saibamos quanto existe de post-descobrimento na versão em causa, ela é contada com o seguinte desenrolar: Pá í Tumé foi expedido pelo deus supremo Rupavê para castigar Camby, lindíssima jovem cobiçada por todos os homens e que sistematicamente os rechaçava. Procedendo assim, ofendia o deus na sua obra-prima, o homem. Tumé, mesmo sendo o Senhor Sábio, decidiu obedecer a Rupavê sem desprezeitar outra maravilha da criação, a mulher. Transformou Camby em algo que agradou às mulheres e aos homens: a *caá*, a erva-mate.

Com essas e outras façanhas, Pá í Tumé conseguiu a adesão do povo para o culto de Rupavê, o que irritou Tau ou Alma Negra, gênio do mal, correspondente ao Añá dos guaranis. Somente com a fuga é que Pá í Tumé pôde escapar dos serviços do diabo. Devemos tal resumo ao paraguaio Ramon Bogarín, que o divulgou no seu trabalho *Ibsoindib*.

A revelação da *caá* – erva-mate – teria sido suficiente para sustentar a reverência a Tumé, Sumé, São Tomé. Barbosa Lessa recorda que o padre Pedro Lozzano, no capítulo VIII de sua obra mais citada, menciona ter São Tomé salvo os povos guaranis de terrível peste, fazendo-o adotar o uso do mate. Agradecidos, os índios pediram-lhe que ficasse para sempre com eles. Apesar dos rogos, chegou o tempo, despediu-se. Canção popular recorda as suas palavras de despedida:

*Os tengo que abandonar  
Porque Cristo me há mandado  
Otras terras visitar.*

*Em recuerdo de mi estada  
Una merced os he de dar  
Que es la yerba paraguaya  
Que por mi bendicta está.  
Santo Tomé entro em el rio  
Y en peana de cristal*

*Las águas se lo llevaran  
A las llanuras Del mar.  
Los índios, de su partida  
No se pueden consolar;  
Y a Díos siempre estan pidiendo  
Que vuelva Santo Tomás.*

O texto é o que se encontra à p. 30 das notas de João Pedro Gay, na *História Jesuítica do Paraguai*. E é bastante ilustrativo. Liga, de forma direta, Sumé-Tomé a Cristo. Confirma o processo de afastamento, sintetiza São Tomé e São Tomás, o que é encontradiço no campo sul-americano e talvez seja a base sobre a qual Enrique de Gandia ergueu a teoria da conspiração jesuítica geradora proposital da confusão Sumé. Também reforça o apego dos ameríncolas pelo amigo e benfeitor miraculoso e o clamor pelo seu retorno.

O paranaense Francisco Leite, em São Tomás, o Diabo e o Chimmarrão acompanham a transformação de São Tomé em Sumé, as caminhadas do santo pelo Brasil e Paraguai. O mesmo fez Barbosa Lessa explicando que “a versão cristianizada da lenda logo se espalhou entre as populações brancas, e em breve era voz corrente que a erva-mate havia sido descoberta e bendita pelas mãos de São Tomé. Isto é o que vamos encontrar em muitos livros da época, a iniciar-se pelo *Tratado sobre o Uso do Mate no Paraguai*, escrito pelo licenciado Diego Zevallos em meados do século XVII e publicado em Lima no ano 1667”.

# Acyr Vaz Guimarães

---

Acyr Vaz Guimarães nasceu em Ponta Porã (MS) em 1919. Engenheiro-agrônomo. Estudioso da história regional, já escreveu, entre outras obras: HISTÓRIA DOS MUNICÍPIOS, QUINHENTAS LÉGUAS EM CANOA, MATO GROSSO - SUA EVOLUÇÃO HISTÓRICA; A GUERRA DO PARAGUAI - SUAS CAUSAS e SEISCENTAS LÉGUAS A PÉ (editado pela Bibliex). Ocupa a cadeira n. 16 da Academia.

## Coxim – Rio Negro

O comandante Galvão fez viajarem, rumo ao povoado de Miranda, o capitão Lago e o tenente Taunay, com alguns homens vaqueanos, para levantar o caminho a ser palmilhado e espionar a tropa inimiga.

Taunay recuperava-se de uma endocardite e, preterido, insistiu em acompanhar Lago.

Marchando com pequena escolta e toda a tralha de acampamento, utilizaram caminho, margeando o Taquarimirim, afluente do Coxim, pelo alto da serra; fazendo a descida, acompanharam o vale do rio Negro, para o pantanal.

Chovia muito. O pantanal, em fevereiro, estava cheio. Da trilha, nem sinal; por vezes, alguns indícios de acampamento dos paraguaios. Na procura, afastaram-se da encosta da serra e ganharam o pantanal, marchando através de corixos, vazantes e pirizais, onde a água, quase parada, cobrindo a terra relvada, era a superfície em que pisavam. Tiveram que vencer alguns trechos a nado. As bruacas dos cargueiros, onde a farinha, a carne-seca, o arroz, o sal e algum feijão faziam a despensa da comitiva, na travessia de águas profundas, se molhavam e, aos poucos, tudo se perdia.

De nada valia avançar; no transverso da rota seguida, ao alcançar a encosta da serra, perderam alguns animais cargueiros; esconderam as bruacas e continuaram. Perdidos, procuravam, antes que a trilha, mais o que comer para saciar a fome. A última porção de farinha fora consumida com restos de pequena caça chamuscada ao fogo. O gado erradio da região era visto mas não alcançado pelos tiros de carabina dos soldados que, ao estampido, faziam-no fugir.

Em meio a matas e cerrados, atingiram um pequeno córrego a que deram o nome de Aflição; estavam, na verdade, aflitos, entregues à própria sorte e urgia buscar na mata a alimentação, ainda que precária. Os cocos de macaubeira e os palmitos, obrigatoriamente colhidos, eram os alimentos comuns; buritis, frutos silvestres e até pequeno jabuti, carregado ao colo por Taunay, serviram de repasto.

Por ali ouviram, na calada de noite escura, o miado rouco de onça-pintada. As bestas cargueiras, pressentindo a presença do felino, arrebetaram as cordas da sogá e ganharam a trilha de volta. Ao amanhecer, não demoraram a encontrar os restos de carneada, cobertos de folhas secas e de terra escavada pelo felino, como soem fazer carnívoros com sua presa. A comitiva, sem titubear, lançou mão de alguns pedaços, os mais limpos, do bovino morto, algo que repugnou ao tenente Taunay, mas que se impunha fazê-lo àquela altura dos sofrimentos.

A muito custo o gado erradio, novamente sob as vistas dos soldados transformados em caçadores de animais, teve uma de suas reses abatida. Houve carne para muitos dias, embora sem sal.

Atingiram, dias depois, à frente muitas léguas, o acampamento dos índios Terena, à margem do Pirainha, quase ao pé dos Morros.

Foi o batismo de fogo de Taunay, que, anos depois, contando ele próprio, disse terem-lhe rolado pelas faces lágrimas de saudades dos bons tempos vividos com a família, pensando jamais poder voltar ao seu convívio. Pensara, naturalmente, nas fartas mesas iluminadas por luxuosos candelabros de que, na Corte, em jantares de gala, participava com a elegância do seu uniforme, ouvindo, ao piano russo, as sonatas de Beethoven, enamorado dos olhares das bonitas moças casadoiras, que viam nos seus olhos claros a pérola por elas procurada.

Os oficiais vasculharam a região no correr de três meses. Souberam que os paraguaios permaneciam ocupando o povoado de Miranda. Fizeram

um completo levantamento, informando o comando e Coxim. Fez-se um roteiro a ser seguido pelas tropas.

Após o preparo dos caminhos para alcançar o rio Negro, primeira etapa da marcha, que se realizaria por lugares sem moradores, a tropa levantou acampamento e se pôs em marcha a 25 de abril de 1866. Marchou apenas uma brigada, ficando a outra para partir tão logo a primeira chegasse ao rio Negro.

A tropa atravessou o rio Coxim, depois de varado o Taquari, e avançou pela margem esquerda do Taquarimirim, afluente do Coxim, rumo sul, pelo cimo da serra de Maracaju, por caminho que havia sido utilizado pelos fugitivos de Miranda e pelos paraguaios que tinham estado em Coxim.

Fez seu primeiro pouso no lugar conhecido por Buritis, onde também estiveram acampados os paraguaios, junto à cachoeira do Taquarimirim.

Seguiu marcha, ultrapassando o córrego Porteira para alcançar o ribeirão da Mata, onde fez pouso; e o córrego Tapera, onde existia uma casa abandonada, para alcançar o ribeirão Claro e fazer pouso no rio Verde, em sua margem direita. (Hoje, neste local se levanta a cidade que tem o nome do rio – Rio Verde de Mato Grosso).

Quando os paraguaios ocuparam Miranda, em janeiro de 1865, fizeram uma tropa com canhões ocupar Coxim, subindo, inicialmente, pelo pantanal, a partir de Miranda, e tomando, posteriormente, o caminho da serra, após a travessia do rio Negro. Dois objetivos levaram os paraguaios a se utilizarem dessa rota: o primeiro, de fazerem prisioneiros os fugitivos de Miranda, que seguiam aquele caminho; o segundo, de ocupar a vila de Coxim.

Ficou aberta a trilha e a força expedicionária brasileira, dela tomando conhecimento, fez exploração para reavivá-la e por ela marchar. Difícil, face ao tempo decorrido – mais de um ano – foi descobri-la. Ficaram alguns sinais de acampamentos paraguaios e isto valeu aos engenheiros exploradores. Dos fugitivos pouco foi descoberto, até porque cumpre a esse tipo de foragido não deixar sinais de sua passagem pelos lugares palmilhados.

À saída de Coxim, sete léguas à frente, os exploradores encontraram uma passagem conhecida pelo nome de Portão de Roma, nome

dato pelo sertanejo Perdigão, parecendo ser uma homenagem à grandeza de Roma, de que ele ouvia falar. Era um pórtico feito pela natureza, cortado entre rochas, ou como descreveu o capitão José Rodrigues Duarte Júnior, do 17º Batalhão de Voluntários de Minas Gerais, em suas memórias de guerra, publicadas por seu irmão: “Portão de Roma – lugar assinalado por atravessar a estrada, um pequeno serrote por entre duas pedras cortadas perpendicularmente e que pareciam preparadas para receber um portão.” Ou como disseram Lago e Taunay, os oficiais que fizeram a exploração da trilha: “O terreno começa a subir; torna-se pedregoso e entra-se no Portão de Roma, péssima e dificultosa passagem embaraçada com grandes lajes e rochas que se acham na trilha que serve para a viação. A paisagem é muito pitoresca, por isso que o caminho segue por um grande rasgão de serra, ficando entaliscado entre rochedos sobrepostos e todos cobertos de plantas sexatiles.” Por ali haviam passado os paraguaios com suas carretas; por ali passou a tropa brasileira depois de preparada a passagem.

Se o Portão de Roma impressionou os soldados brasileiros pela beleza da serra ao seu redor, mais adiante, no córrego que os exploradores batizaram de Castelhana, estupefatos ficaram ao encontrarem o macabro espetáculo de um tenente paraguaio ali fuzilado pelos companheiros, espetada a ossada em madeiro, que resistia ao tempo.

Inflitando para o oeste, rumo ao rio Negrinho, passando pelo ribeirão Perdigão, encontrou a tropa, logo adiante, uma canoa deixada pelos paraguaios. Acampou no córrego Fundo.

Do córrego Fundo foi ao rio Negrinho, em cuja margem direita acampou. Daí em diante, já por terrenos baixos, começou a encontrar alagadiços. Passou o Potreiro, de Antônio Alves Ribeiro e Tibério, já com dificuldade para as carretas e canhões transitarem.

Do Potreiro foi ao rio Negro, onde a primeira brigada acampou a 8 de maio, à espera da segunda.

A segunda brigada chegou ao rio Negro, pelo mesmo caminho, a 4 de junho, para se reunir à primeira, ficando ambas acampadas aí até 24 de junho. Um corpo de voluntários goianos também se incorporou, aí, às duas brigadas.

As marchas foram feitas normalmente, sem percalços, uma vez que, sendo seco o terreno e preparado com antecipação pelos engenheiros, o trânsito se tornou fácil.

## Rio Negro – Miranda

A partir da travessia do rio Negro, a tropa adentrou áreas inundadas do pantanal, começando aí terríveis sofrimentos, de par com a fome. O beribéri, que chamavam de *perneira* (porque atacava as pernas), grassava entre os soldados e oficiais.

À época da travessia do trecho que medeia a província de Goiás e a de Mato Grosso, até o povoado de Coxim, as chuvas eram freqüentes porque meses de verão. Nesta época ocorrem as enchentes locais, tanto no planalto como no pantanal, que atingem seu ápice nos meses de dezembro a fevereiro. No baixio do pantanal, onde a drenagem das águas superficiais se faz pelas vazantes, que se transformam em pequenos rios que correm a baixa velocidade, de fevereiro em diante, até maio ou junho, as águas passam a se acumular sucessivamente em toda a região, o mesmo acontecendo com os rios. É a inundação. Os remansos dos rios, a partir do rio Paraguai, atingem todo o baixio suscetível de ser inundado, abrangendo grandes extensões de campos.

Como se comportaria uma força de quase três mil homens, nada afeitos às vicissitudes do meio que palmilhavam? Homens que vieram dos planaltos e das serras, agora viajando dias inteiros sobre um mar de água doce, atravessando vazantes, corixos, rios, com água que os obrigava a carregar seus fuzis e munições de braços erguidos? E como passariam os canhões, as carretas de víveres e munições e as ambulâncias apinhadas de soldados doentes? Como dormir, ao relento, de corpo molhado, rodeado de miríades de mosquitos hematófagos?

Marchara a tropa de Coxim pelo cimo da serra de Maracaju e a descera no vale do rio Negro, em cuja margem esquerda acampara. Primeiramente, uma brigada e depois outra, em separado, ali fizeram alto. O pantanal, depois de poucos dias ensolarados, sem chuva, dava mostras de possibilitar as marchas para a vila de Miranda, consoante a rota traçada pelos engenheiros da coluna. Mas não! As chuvas, de novo, vieram regar, copiosas, a vastidão as serras e dos baixios daqueles sertões desconhecidos.

O Negro transvazava e suas águas, num paradoxal retorno, como que empurrado debaixo para cima para entornar, inundavam tudo, tudo. As carretas de víveres e as boiadas, vindas de Goiás, sem poder descer a serra e transpor o Negro, faziam a tropa passar completa fome, terrível fome.

Nuvens, como a prenunciar o fim do mundo, eletrizadas, fazendo iluminadas por ziguezagueantes coriscos as noites negras, eram o manto que cobria a modesta barraca do (já) general Galvão, o mais idoso dos soldados do pequeno exército, onde, em cama de campanha, agonizava, ali, não muito longe do rumorejar do Negro, que deslizava aparentemente manso, sem mostrar margens ou árvores que, não fazia muito, eram vistas ao seu redor. Médicos e oficiais assistiam ao desenlace, sem nada poder fazer para minorar o sofrimento do valente soldado.

Aí estava o extremado filho, o tenente-coronel Enéias, comandante do garboso 17º de Voluntários da Minas Gerais, inconformado, a esperar pelo último suspiro do velho pai, que agora, em meio a tanta desgraça, longe dos entes queridos, ficaria em tumba simples, marcada por cerne de aroeira à guisa de cruz, sob o solo da província de Mato Grosso.

Troam os canhões! A banda do 17º faz ecoar a marcha fúnebre! Os soldados descarregam suas clavinhas; tocam as cornetas; ouve-se a clarinada em série dos goianos, mineiros e paulistas; rufam os tambores. Desce ao fosso, que minava água, o corpo do bravo general José Fonseca Galvão.

Impunha-se a caminhada. Era aquele o rumo e de nada valeria inflétir para a esquerda ou para a direita, porque o mar de água doce era um só.

Urgia sair daquele inferno de água, de mosquitos, de serpentes, de gemidos, de fome. À medida que avançavam, ficavam enterrados sob o lodo aqueles que sucumbiam aos magotes, no dia-a-dia, atacados pelas febres e pelo beribéri.

Ficavam, também, entregues aos animais silvestres (queixadas, cachorros-do-mato, guarás, guaraxains) os cavalos atacados pela epizootia, que fazia decrescer o número de tão essenciais companheiros de guerra.

Como se não bastasse tamanho inferno, ao vivo, no cotidiano da tropa, sobreveio, impiedosamente, com maior intensidade, a fome, dela resultando o recrudescimento do beribéri, que fazia do soldado um homem inútil, de pernas inchadas, com dores e paralisias.

Faltava o essencial – a carne. Não fosse a carne de animais erradios ali encontrados, bovinos ou silvestres; de algum palmito de lugares mais elevados e algumas frutas silvestres da região, como o jatobá, toda a tropa teria sucumbido ao ataque do beribéri, que teve seu ápice à chegada a Mi-

randa. Até ali o organismo humano reagira à falta das vitaminas essenciais, numa demonstração da vitalidade do homem, que enfrenta o desconhecido.

Varado o pantanal, chegaram ao Taboco, a “boca do pantanal”.

Permanecendo algum tempo à margem do Taboco, acampada, ali a tropa recebeu víveres trazidos por carretas saídas de Coxim. Houve fartura de carne e os homens maltrapilhos receberam fardamento novo. No Taboco, soube-se da retirada dos paraguaios da vila de Miranda.

A força expedicionária não prescindiu da ajuda do sertanejo. Desnecessário será lembrar José Francisco Lopes, o valente guia, de todos conhecido, desbravador dos sertões do Apa. Cumpre, por dever de justiça, cultivar a memória de outros, como Antônio Maria Tonhá e Perdigão.

Tonhá fora capataz da fazenda Taboco, de propriedade de Antônio Alves Ribeiro, localizada no que chamavam de “boca do pantanal”.

Na passagem de Lago e Taunay pela fazenda Taboco, em exploração do caminho a ser seguido pelas tropas, ali encontraram Tonhá e dele receberam ajuda. Posteriormente, o comando das tropas contratou-o para guia.

Dele relata Taunay: “Para guia das forças até o Aquidauana recomendamos de novo o prático Antônio Maria Tonhá, homem utilíssimo por conhecer perfeitamente os caminhos e campos por onde se possam abreviar as marchas e saber dos lugares onde existem boas aguadas.” E diria mais tarde: “Antônio Maria Tonhá, o prático mais conceituado de todos aqueles sertões.”

Perdigão foi outro sertanejo que prestou relevantes serviços às tropas. Bastante conhecido na região dos sertões do rio Negrinho e Taquarimirim, por onde transitava freqüentemente, fez prevalecer a denominação de Portão de Roma à passagem apertada entre pedras entaliscadas na rocha, no cimo da serra de Maracaju, em seu setentrião. Mas, entre tantos serviços, o que mais destacou o seu nome foi o caminho que abriu entre Baús e o córrego Brejão, fazendo a ligação com a estrada que de Santana do Paranaíba demandava Miranda, passando pela fazenda Camapuã e o Campo Grande, onde estava a encruzilhada de Nioaque.

O caminho aberto pelo sertanejo serviu para o abastecimento das tropas brasileiras e por ele passaram boiadas, cargueiros e carretas com

provisões enviadas pela província de Goiás. Eram quarenta léguas de percurso entre cerrados e serranias, que passaram a encurtar os caminhos para o abastecimento da coluna combatente.

Em homenagem, Perdígão teve seu nome dado a um ribeirão afluente do Negrinho e, hoje, a um pequeno povoado por ali existente.

A tropa saiu do Taboco, rumo ao porto Sousa, no dia 5 de setembro acampando junto ao córrego Pirainha, quase ao subir da serra e próximo à aldeia dos índios Terena, ali refugiados.

Partindo do Pirainha, atravessou o rio Aquidauana no porto Sousa, entre os dias 7 e 13. Os soldados, as mulheres e as crianças passaram em canoas construídas pelos engenheiros; os canhões e carretas, a vau. Acamparam do lado oposto do rio.

Do porto Sousa partiu a tropa para Ipegue, onde houvera (e há ainda hoje) um acampamento de índios que os paraguaios destruíam. Aí pernoitou.

Posta a coluna em marcha, foi atingido outro local antes habitado pelos índios Naxedaxe, refugiados nos Morros, junto ao Pirainha.

Partindo do Naxedaxe, a tropa alcançou o córrego Uagaxi (hoje Agachi) onde a aldeia dos Quinquinau também fora destruída pelos paraguaios, refugiando-se os índios nas fraldas da serra de Maracaju.

Rumo, finalmente, à vila de Miranda, já evacuada pelos paraguaios, que era o objetivo da tropa, foram encontrados, pelo caminho, vestígios da passagem dos invasores, que tudo destruíam. Apenas uma capela coberta de telhas foi respeitada.

A uma hora da tarde do dia 17 de setembro de 1866, chega, à vila de Miranda, a força expedicionária brasileira, bastante desfalcada de soldados e sem cavalaria, dizimada que fora pela peste-das-cadeiras.

Conta Taunay: “A transposição dos pantanais foi coisa horrorosa. Caminharam os soldados dias inteiros com água pela cintura e, começando o sol a secar os charcos, ainda mais difícil se tornou romper pelos extensos lameiros. Nos pantanais de Madre e da Cangalha em que o lodo não dava pé, muitos lá ficaram atolados para sempre. O estivado coberto de feixes de macega serviu para os que passaram primeiro; a retaguarda, mulheres e bagagens tiveram que se meter numa lama visguenta que serviu de abismo a muita gente. O desespero salvou outros.”

A vila de Miranda surgiu com a fundação do presídio de Miranda, em 1797, pelo presidente da capitania de Mato Grosso, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, à margem direita do rio Mboteteté, que passou a se chamar Miranda daí por diante.

A força expedicionária brasileira encontrou, em 1866, a vila semidestruída, incendiada que fora pelos paraguaios, ao evacuá-la pouco meses antes.

Poucas casas e a igreja construída por frei Mariano estavam de pé e do velho presídio, construído à guisa de fortificação, restava pouca coisa. A vila, porém, a despeito da destruição provocada pelos paraguaios, já oferecia aspectos de decadência, eis que o grosso das tropas que ali estivera aquartelado, e que lhe dava vida, havia-se mudado para Nioaque, nela permanecendo apenas pequeno contingente militar.

Com a noticiada invasão chegando célere e com o lento avanço das tropas paraguaias, os índios da região, numerosos, reuniram-se na vila para lutar contra os invasores. Nada encontrado na vila já evacuada, com seus habitantes descendo o rio, saquearam-na.

Ao redor da vila e por vezes bem mais distante, ao longo dos rios Negro e Taboco, no pantanal, fundaram-se fazendas e estas teriam sido a única razão de sobrevivência do povoado. Havia muito gado nos pantanais circunjacentes, faltando, porém, cavalos para os trabalhos, face à incidência do mal-das-cadeiras, que grassava endemicamente nos baixios.

A vila repovoou-se com a chegada das forças brasileiras.

O missionário italiano frei Mariano de Bagnaia, pároco da vila, sem que quisesse, ligou-se à história.

Em 1850, quando do lançamento da pedra fundamental do forte de Fecho dos Morros, “aos 21° e 20’ de latitude, quarenta léguas ao sul do Forte de Nova Coimbra, no lugar denominado Fecho dos Morros”, era, depois do comandante-geral da fronteira, capitão de primeira classe J.J. de Carvalho, a figura mais importante da solenidade, assinando a ata logo após o comandante. Hasteada a bandeira do Império, como de praxe, após os vivas ao Imperador e à integridade do Império, empossou-se ao comandante do novo forte, o tenente F. Bueno da Silva, e deu-se início à construção do seu primeiro edifício. Tudo aconteceu a 29 de junho de 1850.

Frei Mariano, convidado de honra, voltava para a sua sede, a vila de Miranda, onde já iniciara a construção de sua pequena igreja, á custa das esmolas dos poucos habitantes da região. E mal se havia recuperado da estafante viagem de regresso, quando corre a notícia de que o forte de Fecho dos Morros fora invadido pelas tropas de Carlos Lopes, pai de Solano, então presidente da República do Paraguai e destruído. Em vão foram a festa e os vivas à integridade do Império! Um sinal de alerta ao bondoso missionário, que não o entendeu.

Passam-se os anos e frei Mariano, continuando a sua sagrada missão de levantar a igreja da vila de Miranda, consegue, ao final, erguê-la sobranceira, altiva, como o mais evidente sinal de que a civilização do homem branco ali estava presente. Com o seu pequeno sino de autêntico bronze, chamavam-se aos domingos os modestos habitantes da vila, dentre os quais os índios Terena, que tinham nele um professor emérito para o ensino da língua e da escrita dos homens brancos.

Já encanecido pelos anos, certo dia de janeiro de 1865, viu em polvorosa os seus queridos paroquianos, que acorriam à igreja pedindo as graças do Senhor pela sua salvação. De regresso às suas casas, prepararam-se com os poucos alimentos à mão e, às pressas, tomaram os mais diferentes rumos, uns para o lado das serranias do Salobra e outros, para a serra de Maracaju. A notícia vinda de Nioaque dizia que tropas paraguayias numerosas estavam a caminho da vila e a sanha do inimigo fizera espavorida a população de Nioaque. Era urgente refugiarem-se todos, todos.

Frei Mariano toma, contrariado, o seu rumo; preferia a região do rio Salobra; ali teria algum amigo e as serranias incultas para se refugiar; de alimento teria peixes e frutos silvestres, se necessário. Intranqüilizava-se ao lembrar os seus paroquianos esparramados por toda a região, à margem dos rios e das matas, mas suportava todas essas privações.

De sua igreja vazia, lembrava-se do vandalismo que poderia imperar e, assim, imaginava-a destruída.

Depois, passado algum tempo, num rasgo de coragem, resolve o missionário Mariano caminhar para a vila, ainda que sabendo nela existirem milhares de soldados de outra nação. De crucifixo na mão, desembarcou da pequena canoa com que subiu o rio Miranda, acompanhado por dois

amigos. Adentra sua igreja e depara com o quadro que havia desenhado em sua imaginação – apenas as paredes estavam de pé, incólumes. Frei Mariano reage.

Conta Taunay: “Desolador espetáculo o esperava: altares derribados, as imagens santas despojadas dos adornos, enfim toda as amostras de profanação. Ao presenciá-lo, dele se apoderou tal sentimento de indignação e de desespero, que não pôde dominar-se. Imediatamente, em tom retumbante, à frente do chefe paraguaio e seus comandos, pronunciou solene anátema contra os autores de tais atentados. Ouviram-no todos cabisbaixos, como se essa voz serena fora a de alguns daqueles Padres que outrora lhes haviam catequizado os antepassados, esforçando-se o comandante em convencer que os únicos culpados eram os Mbaiais (índios).”

Em meio às lágrimas, na santa missa, lembrara-se, frei Mariano, de Fecho dos Morros, em cena passada quinze anos atrás, que ali, dentro de sua casa, se repetia! Lembrara-se, também, do que acontecera, pouco tempo atrás, com os dois amigos que subiram o rio fazendo-lhe companhia. Dissera-lhe um deles que pouco antes da invasão paraguaia, em outubro de 1864, havia passado pelo pantanal, em visita ao distrito de Miranda, que abarcava todas as terras do Apa, um educado senhor, cavaleiro, que falava fluentemente o espanhol e se dizia nascido na terra de Cervantes.

Conhecedor dos problemas que a peste-das-cadeiras causava à cavallhada dos pantanais, estava anotando os nomes de quantos desejassem adquirir finos animais crioulos de Corrientes e Entre Rios.

Passando pelo morro do Azeite, encravado no pantanal de Miranda, lá se ateu o espanhol para visitar o fazendeiro João Faustino do Prado, que era tenente da Guarda Nacional. Soubera – e isso talvez o tivesse induzido a escolher – que João Faustino do Prado era descendente de bandeirantes e, tendo ainda vivo seu pai, já octogenário, quiçá pudesse melhor contar como era a imensa e pacata terra do Apa e dos pantanais. Fora hóspede, por alguns dias, de João Faustino.

Frei Mariano se entregava aos invasores para poder cuidar de sua igreja que encontrara semidestruída, e os dois companheiros (João Pacheco de Almeida e João Faustino do Prado) acompanharam-no para ajudá-lo no remo. Ao chegarem, foram imediatamente presos. O frei foi solto logo depois e os dois amigos, sob cerrada vigilância, estiveram em permanente interrogatório.

O tenente da guarda nacional João Faustino, inteligente, respondia com evasivas às perguntas e, a um só tempo, nelas prestava muita atenção. Começou a ligá-las às que lhe fizera seu ex-hóspede, descobrindo que se ajustavam àquelas que havia mantido em sua casa; sem dúvida nenhuma, o espanhol havia sido espião. Lembrava João Faustino, e muito bem, do que lhe dissera o espanhol: “A República fará como o rio de que tem o nome; inundará centenas e centenas de léguas e breve aqui voltarei, trazendo alguns amigos e companheiros!” De fato, ali estavam, frente a frente, alguns milhares de “amigos e companheiros”! Era a “inundação” ou a invasão das terras do Apa.

João Faustino e João Pacheco fugiram e homiziaram-se, mais tarde, nos Morros, tornando-se amigos de Taunay, a quem contaram a história.

A cerca de onze léguas de Miranda, a leste, estavam os Morros, fraldas da serra de Maracaju, na altitude de quatrocentos metros em sua maior parte. Postados na direção norte-sul em seu eixo longitudinal, tem sua culminância nas proximidades dos locais onde hoje se situam os povoados de Camisão e Piraputanga, com pouco mais de seiscentos metros de altitude, em área de pequena extensão. Neles existem áreas pouco onduladas e áreas íngremes que bem serviam para os esconderijos embora se situassem não muito longe do rio Aquidauana, sempre inspecionado por patrulhas paraguaias. Quase ao final dessa área, ao sul, estava o acampamento de João Pacheco e, logo adiante, a meia légua, o de Francisco Dias.

A posição dos Morros guardava certa importância estratégica porque, próximos do caminho que demandava Coxim, por onde viera a tropa e por onde seguiram muitos refugiados para o norte, podiam os seus habitantes temporários, brancos e índios, manter vigilância sobre os paraguaios que vagueavam pela margem esquerda do rio. E isso era realmente de importância para as forças brasileiras, desde quando abrigaram os oficiais Lago e Taunay, a serviço do levantamento dos caminhos e de reconhecimento das forças inimigas, até a chegada do grosso das tropas, vindas de Coxim.

Nos Morros, na ponta norte, as proximidades do Pirainha, estabeleceram aldeamento os índios Terena, sob o comando do índio José Pedro, educando de frei Mariano, da paróquia da vila. (José Pedro, que sabia ler e escrever muito bem, morreu na cidade de São Paulo, de regresso do Rio de Janeiro, onde fora reclamar benefícios para seus índios).

Outros índios (Cadiueu, Quinquinau e Guaicuru), também refugiados, espalhavam-se pelas fraldas da serra de Maracaju; os Laiana subiram a serra e foram refugiar-se no Corredor, à frente de Camapuã, onde passaram a viver miseravelmente.

Todos eram inimigos figadais dos paraguaios, de quem roubavam cavalos e com quem se pegavam em escaramuças, por vezes. Os paraguaios foram obrigados a erigir à margem do rio alguns postos a que chamavam de *mangrulos*. Eram as guerrilhas, bem conhecidas dos índios, onde a emboscada tinha o seu ponto alto no combate ao inimigo.

Em levantamento feito, Taunay encontrou cerca de 275 índios capazes de participar da tropa, sem contar os Guaicuru. E participaram.

O pessoal dos Morros contava com soldados mal armados, que fizeram parte do 7.º Batalhão da Guarda Nacional, em formação em Miranda, sob o comando do tenente-coronel Caetano Albuquerque, já bastante velho, que, licenciados, faziam roças e recebiam alguma instrução militar juntamente com os índios. Eram cerca de 85 homens. Com a passagem da força expedicionária, todos se incorporaram a ela, com exceção de seu comandante, que pouco antes falecera.

O alferes João Pacheco de Almeida, ali encontrado por Taunay e Lago, acompanhou a tropa para o Apa e regressou, a salvo, para os Morros. As refeições de Lago e Taunay, ao tempo que estiveram ali executando as missões, eram feitas pela mulher de João Pacheco. Foi elogiado por feitos de guerra, na retirada, e mereceu a condecação do Hábito da Rosa, que não chegou a receber, por ter falecido em 1867.

## Ponta Porã

Ponta Porã, antes de ser nome de cidade, era nome de um paradeiro, junto a uma lagoa, onde o viandante – índio ou soldado da colônia do Dourados, fazia descanso. Como o lugar ao redor era muito bonito, enfeitado pela lagoa de límpidas águas, próprias para beber, ficou conhecido por esse nome, que quer dizer *lugar bonito*. Embora por ali não existisse vivente algum, perdurava o nome. Era, contudo, região conhecida, porque sempre visitada; conheciam-se dois pequenos córregos – um chamado de rio das Onças, hoje o Itá; o outro, a cabeceira do São

João, nas proximidades da cidade de hoje, que se chamava rio dos Mutuns. O rio São João já tinha esse nome. É o que consta de mapa de 1870 mostrando a caminhada de Lopez para Cerro Corá, feito pela Comissão de Engenheiros do Exército brasileiro.

O território do atual município de Ponta Porã foi palco de muita história. Em 1698, a mando do general da capitania de São Paulo, à qual pertencia o atual território sul-mato-grossense (ainda não existia a capitania, nem o nome de Mato Grosso), André de Frias Taveira, português, com seus soldados, correu a larga extensão da Vacaria, foi à cumeada da serra de Maracaju, tomou o rumo da atual Ponta Porã, sempre marchando por campos limpos (como natural) e foi às cabeceiras do Iguatemi, fazendo explorações.

Em 1744 (já fundada Cuiabá e a exploração do ouro se realizando, com as monções pelos rios sul-mato-grossenses na busca do varadouro de Camapuã), o capitão João Bicudo de Brito, com outra expedição, fez a mesma caminhada, plantando roças em pontos por onde passou.

Outros sertanistas exploradores da Vacaria devem ter penetrado o território de Ponta Porã, pela cumeada da serra, de campos limpos, fáceis de serem palmilhados, e avançado até onde lhes houvesse sido indicado pelos capitães-generais da capitania de S. Paulo, fazendo roças para seu sustento, as quais, com o gado alçado existente e caçado, deram-lhe um bem-estar relativo para as caminhadas – sem grandes rios para serem atravessados, charcos ou florestas.

Os espanhóis, na época, não corriam o território de Ponta Porã porque impedidos pela grande floresta que cobria a serra de Maracaju. Ademais, não haviam iniciado o povoamento do norte da província do Paraguai, onde os seus figadais inimigos – os guaicurus, sempre os rechaçavam, razão por que, em 1778, o seu governador, D. Pedro Melo de Portugal y Villena, fundou os povoados de San Pedro e Rosário, visando exclusivamente proteger os novos habitantes da região, ervateiros, sempre escoraçados pelos índios brasileiros.

# Enilda Mongenot Pires

---

Enilda M. Pires nasceu em Aquidauana (MS) em 1949. Professora universitária (UFMS). Autora de *FRONTEIRAS DA CRÍTICA*, *A GEOMETRIA DO ESPAÇO TEMPORAL DO ROMANCE* e *AVALOVARA DE OSMAN LINS*.

## Boa história sobrevive da simplicidade

Aqui não se fala de heróis [...].  
São seres quase anônimos  
Que ajudaram a fazer  
O caráter desta cidade.

*Manoel de Barros*

A divulgação da história sul-mato-grossense e sua importância para o desenvolvimento econômico, social e político tem sido feita, salvo honrosas exceções, por idealistas isolados, muitos dos quais folcloristas, poetas e jornalistas.

Um deles é o jornalista J. Barbosa Rodrigues, tanto que entrou na Academia Brasileira de História. Hélio Serejo, Raquel Naveira e Paulo Coelho Machado também têm olhos na história. As Guerras do Paraguai e do Contestado estão presentes na poesia de Raquel; alguns livros de Hélio Serejo narram a história do mundo bruto da erva-mate. Paulo Coelho Machado é um clássico que escreve sobre as memórias da terra.

O livro *Mato Grosso do Sul para a 3ª série do 1 grau* se apresenta como uma outra colaboração. Foi publicado em 1978, com a finalidade de oferecer subsídios à disciplina de Estudos Sociais. Percebe-se ao longo de suas páginas uma preocupação com a clareza, uma legítima aspiração à comunicação imediata com os estudantes.

## Formato

O formato é de um livro pequeno, com poucas páginas impressas que se tornam atraentes pela relação com a localização, superfície, população, clima, relevo do solo, bacias e rios principais, divisão territorial, cidades principais, riquezas naturais, vegetação, pecuária, agricultura, indústria, usinas hidrelétricas, meios de comunicação, meios de transporte e turismo, sobre o Estado que acabava de nascer. Essa evolução temática, em séries curtíssimas, talvez fossem coisas óbvias para um estudioso da cultura regional, contudo para os estudantes era uma chance de se aproximar das terras formadas pelo Novo Estado. É praticamente um folheto. A capa com o nome do autor e o título grafados em preto, tem à volta várias linhas em forma de teia. A sua disposição geométrica lembra os vários momentos que unidos alimentam o sonho de divisão da terra mato-grossense. No todo, faz lembrar a simpática despreensão das publicações da chamada poesia marginal, dos anos 70.

## Estilo didático

Apresentado em estilo didático, é uma espécie de materialização técnica dos fatos sul-mato-grossenses daquele ano de 1977. Em especial o desmembramento da área territorial de Mato Grosso, que tem existência legal desde 11 de outubro de 1977, quando o presidente Ernesto Geisel sancionou a lei e o criou conforme a foto logo abaixo apresentada. Uma produção simples, mas é uma forma de estar junto, de informar, difundir com rapidez. É reveladora, como exemplo desse processo, a di-mensão narrativa do francês Fernand Braudel. Foi o historiador do século 20 que mais tentou desnarrativizar a história. Naquele ano, o que mais preocupava Barbosa Rodrigues eram os danos que a falta de informação direta, interativa, coletiva, podia causar. “Seria incompreensível”, escrevia ele em sua nota introdutória, “que os alunos dessa série continuassem estudando o que há sobre o antigo Mato Grosso, deixando de conhecer o novo Estado”.

## Arquitetura contemporânea

Uma outra foto ilustra a ponte sobre o rio Paraná, de maneira panorâmica, com aproximações históricas da época. Retém-se a atenção

no fato de que outrora essa ponte fora teatro de aventuras de bandeirantes e monçoeiros.

“Hoje, é um braço estendido a acolher os brasileiros que apontam a Mato Grosso do Sul”, escreve o autor. Esse “braço estendido” no qual o olhar pasma diante de tanta invenção e força em campo tão limitado, é construção de um classicismo que se quer moderno. É um exemplo de que há um tecido de profissionais “menores” capaz de permitir a plena compreensão dos “maiores”, e de que às vezes, esses “menores” não tão grandes quanto os grandes.

A foto posterior é uma oportunidade de se ver uma das mais notáveis obras da arquitetura e engenharia brasileiras contemporâneas – a ponte sobre o rio Paraguai.

Um microtexto fala da mansidão de suas águas: “O rio Paraguai desliza mansamente pela superfície pantaneira ajudando a construir a riqueza de Mato Grosso do Sul.”

Concentrado nas belezas das águas prateadas do rio Paraguai, Barbosa Rodrigues lembra que elas são a marca legítima de um mesmo ideal político. Pontes e águas pulsam na superfície de terras internacionais, criando uma unidade fragmentada que a todo momento é refletida diante de nós. É impressionante a tensão formada pelo contraponto de metais que vibram inteiros nas faces abertas e fortes da estrutura de volumes ociosos. Contemplá-las, passar por seus contornos exatos, é reviver um novo pensamento arquitetônico, e afeito à luz e à razão, signo da nova era que se instaurava. O todo está em sintonia com os preceitos arquitetônicos, modernos. É só lembrar das palavras de Le Corbusier que definia a arquitetura como “o jogo sábio, correto e magnífico dos volumes sob o sol”. O que apaixonava nessas duas construções é o vazio que possui toneladas e, ainda assim, ganha uma existência de leveza. São várias partes que simulam o vazio e, que unidas, formam um só volume. O volume da transcendência.

E logo à página 23 um visual da cidade de Campo Grande. Devidamente paramentada com prédios, praças, ruas e árvores. Muitas árvores, um raro exemplar da memória verde campograndense .

Nesse momento noutro plano e noutro lugar (à página 31) há uma foto do Pantanal. “Com suas lagoas, corixos e a sua fauna, é uma bênção

de Deus, onde o rebanho bovino se multiplica, transformando-se em divisas para o novo Brasil”. Neste trecho o autor sublinha a ampliação de oportunidades de negócios medida em termos de interesses econômicos e políticos, conquistada pela região nos últimos 50 anos. Os desafios, portanto, seriam de caráter social, e não basicamente econômicos.

Nesse sentido o Pantanal não é apenas uma planície promissora, mas um ato poético diante do mundo. Significa uma vitória diante do mar, diante do tempo, diante da vida. Os poetas enxergam, nesse rincão, o cenário propício à contemplação. O aquidauense Odacil Cânepa é um deles ao cantar a noite pantaneira:

Cai noite no céu do pantanal.  
Correm lágrimas na vazante dos seus olhos.  
Corre o laço na boiada,  
Sua amada,  
Como a lua minguá no fundo do quintal.  
[...]  
E tantas noites ficarão  
Nesse pantanal.  
De Bela Vistas, Corumbás e chalanas  
Rios Nioaques, e Mirandas.

(in *Jaraguás*)

## Pontos de vista

O historiador Barbosa Rodrigues costuma dizer algo que sempre me pareceu muito produtivo e original e que, sem dúvida, foi usado na construção de sua própria obra. Explica que “a história tem estrutura de folhetim, quando vista em seu dia-a-dia”. Ele conseguiu captar a segmentação dramática, implícita da vida na História. Mas há outro ponto sobre o qual o escritor disse algo que, na minha opinião, pode ser útil para a compreensão dessa ciência. O historiador convoca fatos extraordinários, lutando contra tensão e dramas profundíssimos. “E isso é muito atraente”, confessa o escritor. O passado histórico gera muita resistência, mas também muita atração. Um dos mais importantes historiadores da atualidade, o pernambucano e diplomata aposentado, Evaldo Cabral de Mello (publicou, pela Companhia das Letras, *A fronda dos mazombos*) confessou

que optou pela história ao perceber que “livros e documentos são 20 vezes mais interessantes do que a ficção”. Acredito que todos os historiadores têm familiaridade com a cultura humana em sua mais alta carga dramática.

O passado histórico é um retrato fugidio que se dissolve sem dó, nem piedade e o serviço prestado pelos historiadores para a preservação de sua memória, mais do que relevante, é precioso. Esperamos agora pelo próximo livro, e por mais o que esse pesquisador tão apaixonado pela história sul-mato-grossense, nos possa oferecer. Contido, econômico nas palavras e páginas, continua observando todo o cenário, como um enxadrista vê seu tabuleiro. E não é assim desde o começo dos tempos?

Lembra que é complicado fazer o levantamento dessas anotações num país onde os dados não costumam ser conservados. Por exemplo, a história sul-mato-grossense é composta de lacunas documentais enormes. Vão do incêndio de fotos ao desaparecimento de arquivos.

Explica que não é raro que sobre apenas uma vaga lembrança, colhida geralmente em depoimentos. “Mas se o que existe não for reunido e sistematizado, em pouco tempo, nada disso vai sobrar”, adverte o escritor.

## Vieira Pontes e Duby

Aos 82 anos, autor de vários livros, Barbosa Rodrigues foi o responsável por um dos “*ossos*” da empreitada. José Couto Vieira Pontes lembra que ele editou a primeira obra a respeito dos nossos fatos históricos, “abordando desde os primórdios da colonização até os governos dos nossos dias” (Correio do Estado - 30-3-96). Para reencontrar essa história, catalogá-la e dividi-la em capítulos, levou vários anos de pesquisa. Vieira Pontes ressalta nesse artigo duas importâncias fundamentais em Barbosa Rodrigues: a primeira foi ter mudado a forma de estudar a história – não a restringindo a aspectos políticos ou econômicos e, jogando luz sobre questões cotidianas, que nunca receberam o selo de cultura legítima. O segundo aspecto foi ter popularizado a história. Isso se refere à dimensão literária de sua obra, sobre a consciência que a história não tem apenas uma dimensão científica. Está muito próxima de um gênero literário. Como o historiador francês George Duby (falecido em 3/12/96), ele situa a história entre ciência e literatura. Duby, um dos mais renomados historiadores

franceses da nova geração, está para a Idade Média como Barbosa Rodrigues está para a história sul-mato-grossense.

## Paulo Machado

Para muitas pessoas a cultura popular não importa. Há uma tendência de não ser levada a sério ou importante o suficiente. Isso não é só um problema educacional nosso.

Também nos Estados Unidos é assim, como nos lembra o filósofo americano Richard Schusterman, em seu livro *Vivendo a arte – o pensamento programatista e a estética popular* (Editora 34).

Manoel de Barros em seu prefácio ao livro de Paulo Coelho Machado, *A Rua Alegre – pelas ruas de Campo Grande*, lembra da importância de seus “deseróis” lendários, tirados do cotidiano de Campo Grande. Eles estariam quase totalmente esquecidos, se não fosse “o freio de mão” do cronista, “que com a paciência de um monge medieval, pesquisou muito para registrar estes fatos que servirão para futuros historiadores”, finaliza o poeta. Alias, é inegável o processo mágico e nostálgico que se desencadeia quando lemos suas crônicas. É essa afeição pela memória que remete ao surgimento de suas histórias, que Paulo Machado enaltece como se fosse um ato poético. Afinal, o suporte de suas crônicas, seja qual for, só será válido se estiver a serviço da pulsão do passado. Todos os seus livros são guiados por um só fio condutor: a capacidade de reter fatos fugidios, e assim funcionar como memória da gente simples sul-mato-grossense. É mais um exemplo da atenção ao comum – tão cara ao historiador Barbosa Rodrigues – caracterizado pelo senso do cotidiano, pelo exame incessante de detalhes de nossos antepassados e, pela atenção ao que é trivial. E negligenciáveis. Não para eles. Tudo somado, esses escritores todos – Paulo Machado, Manuel de Barros, Barbosa Rodrigues, Hélio Serejo, Raquel Naveira, e muitos outros – teriam cumprido a aventura antopofágica que Oswald de Andrade reconheceu em Raul Bopp: “Trazer o Brasil nos dentes”.

## Concurso de Contos “Ulisses Serra”.

A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras promoveu o Concurso de contos “Ulisses Serra”, já tradicional em sua história. A Comissão Julgadora, composta pelos acadêmicos Américo Calheiros, Maria da Glória Sá Rosa e Raquel Naveira, classificou os seguintes contos: 1º lugar: Água Doce – de José Batista dos Santos; 2º lugar: Uma Luz Adiante – de Chaouki Haddad; 3º lugar: O dedo nº 2725 – de Reginaldo Costa de Albuquerque. A seguir, está transcrito o conto classificado em segundo lugar.

### Uma luz adiante

*Chaouki Haddad*

De cócoras sob a figueira de frondes altas e largas, parcialmente abrigada pela espessa ramagem, Maria inclinava mais o corpo à frente, procurando proteger em seu regaço, o Pedrinho, seu filho de apenas seis meses de idade, ao qual acabara de amamentar no peito.

A chuva caía forte e insistente e ela mal enxergava alguns metros adiante, tal a intensidade com que despencava a “chuva de manga”, naquele outubro, anunciando o início da estação chuvosa, e tal o negrume que a noite sem estrelas jogava sobre a mata.

A água, tolhida pelas largas folhas, ainda assim, descia por entre elas, mantendo-lhe empapados a roupa e os cabelos, e escorria por seu jovem rosto, misturando-se às lágrimas que brotavam dos olhos e deslizavam pelas faces morenas já acusando, em rugas que delineavam os contornos de uma boca outrora de lábios carnudos e firmes, os efeitos de pouco mais de três anos de uma vida cansada e atribulada, levada quase no limiar da miséria.

. . . . .

Naquela manhã, cerca de três horas depois que o João, seu marido, havia saído para tentar caçar alguma coisa para o sustento da família, ficando de retornar somente ao anoitecer, Pedrinho recusou-se a mamar como fazia usualmente àquela hora. Seu corpo estava flácido e quente.

Apreensiva, correu a preparar um chá de paratudo, da casca do ipê-amarelo que tinha em seu quintal e, depois de amorná-lo, colocou-o na mamadeira tentando fazer o filho tomá-lo, sem sucesso. Ele chegou a tomar um pouco, porém era uma quantidade que não faria efeito algum. Mais apreensiva, despejou um pouco d'água, do velho balde que mantinha cheio dentro do casebre, em uma bacia, conforme, também, vira a sua mãe fazer, quando ainda meninota, na agora tão distante casa de seus pais.

Despiu o filho e, cuidadosamente, mergulhou-o dentro daquela água, nem fria e nem quente, e com a mão sustendo-lhe a cabeça, com a outra em forma de concha molhava-lhe a testa.

Por alguns minutos procedeu a essa operação, até que, sentindo que ficava mais frio, retirou-o, aliviada e sorridente, enxugando-o e vestindo, certa de que a melhora ocorrera em função do chá e da imersão.

Dali a pouco, porém, percebeu que, malgrado seus esforços, ele continuava mole, sem reação e voltava a ficar quente.

Repetiu todos os procedimentos, em vão... Continuava sem reagir e a temperatura estava ainda mais alta.

Desesperou-se... Não sabia o que fazer e nem tinha algum outro tipo de medicação que pudesse lhe administrar.

Já haviam passado duas horas desde que aquilo começara e ele não melhorara nada, pelo contrário, parecia pior do que antes.

Não poderia esperar pela volta do João que só chegaria no fim da tarde... “E o que é que ele poderia fazer, naquele rincão tão afastado, numa noite escura?...” – pensou.

Preocupada com o agravamento da doença do filho, muniu-se de toda coragem e determinação que possuía e mais um pouco que não sabe onde foi buscar, envolveu-o em sua puída manta e, do jeito que estava, carregou-o e saiu em busca de auxílio.

. . . . .

Planejava ir à vila, onde o levaria até o posto de saúde, e voltar antes da chegada da noite.

Entrou pela estreita trilha que a conduziria ao rio. Quarenta minutos depois, extenuada, com a criança ainda no mesmo estado, chegou à beira do Miranda, esperou um tempo que lhe pareceu infinito a passagem de um barqueiro que, prestativo e condoído com a sua situação, levou-a até a pequena vila onde a orientaram para atingir o posto.

Demorou para ser atendida, mas, afinal, Pedrinho foi medicado. Aguardou, então, até que a febre baixasse, carregou a sacolinha plástica que lhe deram com alguns frascos de antibiótico, antipirético, mais algumas vitaminas e seguiu para o diminuto e simples cais onde o barco a havia deixado, na expectativa de pegar outro que a levasse de volta.

A tarde já ia avançada quando conseguiu mais uma carona e logo seguiu, Miranda acima, em direção à sua moradia de sapé.

Sentia-se satisfeita com a própria atitude, espantada, até, pois que jamais saíra de casa desde que fora morar naquele fundo de mato, senão uma única vez, com o João, quando foram à vila, logo nos primeiros meses de seu casamento, para uma festa junina, onde, ao som da viola e da rabeça, dançaram alegremente por muitas horas o cururu e a ciranda, tendo, ao terminarem os festejos, lembrava-se magoada, ficado sentados num banquinho de uma praça, até o alvorecer, pois não tinham como e nem poderiam voltar durante a noite.

Sentia-se, também, leve de espírito com a melhora de Pedrinho, que inclusive voltara a mamar e mostrava-se mais ativo.

. . . . .

O barqueiro deixou-a no ponto que lhe indicou e seguiu sua viagem.

Maria retomou a longa trilha de volta com o filho nos braços, resmungando e lamentando-se da vida a que se sujeitara naquele fim de mundo, quando se casara apaixonada pelo João. A princípio, tudo lhe parecia bonito, romântico, porém, com o passar dos meses, as dificuldades de sobrevivência, a pesca e sobretudo a caça cada vez mais escassas e difíceis, a rotina diária, as longas esperas pela volta do marido, indo cada vez mais longe para caçar, a solidão, a falta de lazer e a constante ausência de luz noturna, às vezes contornada por simplórias e precárias velas ou

candeeiros que ele rusticamente fazia à base de cera de abelha, gordura das caças e filamentos da entrecasca do emburuçu, fizeram-na ficar cada vez mais irascível e agressiva, dando motivos e ensejos a persistentes desentendimentos entre os dois, desentendimentos esses que aumentaram com o nascimento de Pedrinho, culpando mais ainda o João por não poder dar melhores condições de vida ao filho.

Fatigada, não via a hora de chegar em casa e atirar-se àquele velho colchão de capim barba-de-bode onde dormiam, colocado ao rés do chão no canto do casebre e que tanto detestava, mas que, agora, tanto queria.

“Não, isso não poderia continuar assim!...” – pensava – “Aquilo não é vida para mim... É certo que não vim de uma casa rica, mas o que tenho passado é horrível... Nem roupas tenho mais e nem fraldas para o Pedrinho, senão uns trapos velhos... O único espelho que tínhamos quebrou-se e o caco que restou mal dá para olhar o meu próprio rosto... Nem sei como estão os meus cabelos que, aliás, há muito tempo não sabem o que é um xampu... E as minhas mãos?... Estão feias, duras, calejadas!... E ele ainda quer que eu cuide da horta?... Ele que o faça!... Não ponho mais as minhas mãos lá, por nada deste mundo!... Para mim, chega!... Hoje mesmo vou falar com ele... Alguma atitude vai ter que tomar ou então volto com meu filho para a casa dos meus pais!...”

. . . . .

Ia, assim, refletindo irritada, enquanto se desviava de alguns ramos que se estiravam por sobre a trilha e de gravetos maiores caídos, apressada, pois que a noite já se aproximava. Talvez dez minutos houvessem passado, quando algumas gotas grossas começaram a cair.

Preocupada, cobriu o filho com a manta e acelerou o passo para tentar evitar a chuva que, igualmente, aumentou de volume como a impedir que ela fugisse e dela se resguardasse.

Perdeu a noção do tempo que decorreu desde que começou a correr fustigada pela intempérie. Não havia como se proteger. As poucas árvores que ladeavam a trilha eram estreitas e de copas reduzidas, não possibilitando abrigo consistente... Não lhe restava outra opção, senão a de ir seguindo protegendo da melhor forma possível ao filho.

A noite já se fazia presente, precoce por causa da nebulosidade produzida pelo tempo chuvoso, mal lhe permitindo enxergar alguns passos adiante, quando o som forte de água correndo, à frente, a fez estacar.

Aproximou-se cautelosa e, mesmo com a visão prejudicada pela escuridão, pôde ver que a trilha era cortada por uma torrente que descia pela esquerda dividindo-a em duas partes, erodindo a terra e formando um canal por onde se lançava.

Receosa em arriscar-se a enfrentar o caudal, com medo de escorregar ou de desequilibrar-se e cair, molhando e machucando o filho, e não podendo ficar ali, parada, à espera de que diminuísse, achou melhor tentar contorná-lo e atravessar em algum ponto acima, do lado de que vinha, à esquerda, onde fosse menos intenso.

Embrenhou-se pela mata adentro, procurando orientar-se pelo som, vez que a escuridão era total, porém, em alguns pontos o mato era tão fechado que a obrigava a se desviar para a esquerda ou para a direita, fazendo-o intuitivamente e afastando-se, sem se dar conta, do veio-d'água que lhe servia de referencial.

Ao cabo de um tempo, assustada, perdida, a roupa rasgada e toda arranhada pelos galhos das árvores e pelos espinhos de pés de tucum nascidos fora de lugar, os olhos arregalados tentando enxergar alguma coisa, a chuva persistindo, quase que em estado de transe, não ouvia nem o choro do filho que acordara com fome.

Muito cansada e ofegante, com um dos braços carregando-o, estendeu o outro e apoiou-se a uma árvore. Percebeu, então, que embora ao seu redor a tempestade não houvesse amainado, ali onde estava não caíam mais que algumas gotas. Fixando bem os olhos, reparou que estava sob uma enorme figueira, que lhe dava uma boa cobertura.

Do alto, abrigada da chuva, o pio insistente de uma coruja caburédo-sol assustada e reclamando ter sido acordada lhe chegou aos ouvidos. Foi nesse momento que ouviu o choro da criança... Uma espécie de alívio a invadiu... Agachou-se de cócoras, afastou os cabelos molhados para trás, tirou um dos seios para fora do vestido encharcado e deu de mamar ao filho...

. . . . .

Tinha medo da escuridão e do que ela poderia ocultar... Por não enxergar nada, ficou-se imóvel, agachada, sem coragem de mexer um músculo sequer, evitando, com algum movimento mais brusco, irritar eventual serpente que tivesse procurado abrigo sob a árvore, como ela, especialmente a temível jararaca bocuda, agressiva e de fulminante peçonha. Dos jacarés que habitavam por aquelas bandas e que mais a assustavam, não estava com receio, pois que ficavam lá para os baixios do rio.

Tinha consciência de que estava perdida... Pelo tempo que decorreria e pelo quanto andara, já deveria ter chegado à sua casa. O alívio que sentira, ao praticamente voltar a si, se devera à constatação de que seu filho estava bem. Era tudo o que lhe importava.

Contudo, não durou muito essa calma... A realidade voltou a encará-la... Não podia ficar ali... Pedrinho precisava tomar os remédios que o médico do posto prescrevera. Não tinha idéia de quanto, mas sabia que havia passado da hora. “E se ele voltasse a ter aquela febre?” – começou a pensar, desesperada – “O que faria?... O que poderia fazer?... E o João?... O meu querido João. A estas horas deve ter voltado para casa e certamente estaria muito preocupado com a ausência dos dois... Como pude pensar em deixá-lo? Como poderia viver sem ele? O que é que ele pode fazer de melhor do que faz? No que o ajudei, no que o incentivei?... Só críticas, críticas e mais críticas!... Como pode um homem ter algum tipo de ambição ou de interesse em progredir se não há por quê?... Não há apoio... Só censura... Se há culpados por uma vida infeliz, eu sou a maior culpada... Juro que vou mudar! Juro! Juro!”

Pensava e chorava. As lágrimas misturando-se à água da chuva, que não parava. Seus pensamentos voaram novamente ao passado e lembrou-se outra vez de sua mãe... Lembrou-se de que ela era devota de Nossa Senhora Aparecida, padroeira dos pescadores, da qual João tinha uma imagem em casa, e João era um pescador também, naquele imenso pantanal. E ela era mulher de pescador.

Assim, embora há muitos anos não rezasse, sentiu uma necessidade muito grande de dividir a sua dor com alguém, de buscar um consolo naquele momento de aflição e rezou... Rezou sem fazer nenhum pedido... Rezou como se em busca de um apoio que lhe desse a paz de espírito de que tanto precisava...

. . . . .

De repente, acordou... Enquanto rezava, adormeceu com o filho em seu regaço. Não dormira mais que cinco ou dez minutos... Acordou assustada, olhou o menino, beijou-o e viu que estava bem, não tinha febre.

Um silêncio reconfortante e apaziguador a cercava, entrecortado pelo som de gotas que caíam das folhas acima e pelo ziziar de insetos... Demorou alguns segundos para perceber que a chuva parara... Mas a escuridão ainda era total...

Levantou a cabeça, olhando para todos os lados em sua volta e seus olhos se arregalaram, desta vez de esperança...

Uma luz tênue, distante... “É a minha casa!” – pensou – “É o João que chegou e está com uma vela acesa me esperando!...”

Levantou-se, rapidamente, tomando cuidado para não acordar o Pedrinho e parou em pé, sem poder se mexer, as pernas adormecidas pelo longo tempo em que ficou agachada sobre elas. Em pouco, porém, voltaram ao normal e ela caminhou em direção à luz... Não enxergava ainda nada, senão aquele foco luminoso... Enroscou-se em vários galhos e arbustos, machucou-se, tropeçou, mas continuou em sua direção...

Caminhou e caminhou, longamente, estranhando a demora para vencer o trecho que a separava da luz e que lhe parecera mais próximo...

Em dado momento, um cheiro de pequi maduro impregnando o ambiente a envolveu. Sentiu o estômago reclamando, esquecido desde aquela manhã... Sem perder de vista a luz, deixou-se guiar pelos sentidos e alcançou uma pequena árvore. Voraz e apressadamente, saciou a urgência da fome com duas frutas e continuou a andar.

. . . . .

Logo que ouviu a sinfonia dos sabiás-laranjeira, garrinhões e jaós, a algazarra das maitacas e tiés e o alarido dos aracuãs, como a anunciar o nascimento de um novo dia, começou a distinguir o matagal que a cercava. Ergueu os olhos para o alto e uma revoada de araras-vermelhas destacadas no céu que se abria azul amenizou-lhe o semblante crispado. Mais acima, um bando de andorinhas, talvez atrasadas na sua migração, voavam rumo norte.

Um rumor chegou-lhe aos ouvidos... Baixou o olhar na mesma direção em que estava virada, a tempo de ver o vulto marrom-aver-

melhado de um veado-mateiro desaparecer por entre a folhagem. Seguiu-o com os olhos e viu, ao longe, em meio à rama dos arbustos, o seu casebre...

A tosca janela que dava para o lado de que vinha se encontrava fechada. Eufórica e tremendo, aproximou-se e entrou na casa, chamando pelo João... Ele não estava... Abriu as duas janelas do único cômodo que era, ao mesmo tempo, sala, quarto e cozinha, fazendo a claridade da manhã ensolarada invadir o ambiente expulsando a penumbra para fora. Olhou em volta... Tudo como havia deixado ao sair, na véspera... “O João deve ter ido buscar água” – pensou. Ficou intrigada, todavia, pois o balde com um resto do líquido no fundo, estava ali, tal como o deixara, ao lado da bacia onde banhara o Pedrinho.

Já mais calma, porém, lavou o filho, trocou-lhe as fraldas e aninhou-o sobre o velho colchão. Lembrou-se dos remédios... Gotejou numa colher as gotas que o médico recomendara e que anotara nas próprias caixinhas, deu-as de beber ao filho que as tomou sem dificuldade e, mais tranqüila, ainda, deitou-se ao lado dele e, cansada e relaxada, pegou no sono.

Menos de uma hora depois, acordou com a voz forte de João... Levantou e correu a abraçá-lo, chorando... Em rápidas e poucas palavras contou-lhe o que haviam passado, ela e o Pedrinho, e que só conseguira voltar graças à vela acesa por ele...

João, que acabara de chegar, tinha ficado ilhado, surpreendido pela repentina cheia dos corixos e vazantes do Miranda, rio abaixo, da qual só se safara depois que o dia amanhecera, resgatado por um barqueiro solitário que passou no local.

Largou, sobre a rude mesa que usavam para comer, o tatu-galinha que arduamente havia caçado e como que iluminado por uma velha sapiência, olhou para a estatueta de Nossa Senhora Aparecida, colocada em um nicho no canto do cômodo, e que lhe pareceu resplandecer, sorriu, abraçado a Maria e, fechando os olhos marejados, agradeceu-lhe...

## Quadro dos sócios efetivos da Academia

Cadeira	Patrono	Titular
1	Nicolau Fragelli	Hernâni Donato
2	D. Francisco de Aquino Correia	Ângelo Venturelli
3	Ulisses Serra	Heliophar Serra
4	Joaquim Duarte Murtinho	Antônio Alves Guimarães
5	José Ribeiro de Sá Carvalho	Enilda Mongenet
6	Arnaldo Estêvão de Figueiredo	<i>vaga</i>
7	José Barnabé de Mesquita	Américo F. Calheiros
8	Itúrbides Almeida Serra	Raquel Naveira
9	Mal. Mascarenhas de Moraes	Frei Gregório de Pr. Alves
10	Argemiro de Arruda Fialho	José Fragelli
11	José V. Couto de Magalhães	José Couto Vieira Pontes
12	Mal. Cândido M. da S. Rondon	<i>vaga</i>
13	Estêvão de Mendonça	<i>vaga</i>
14	Severino Ramos de Queirós	Jorge Antônio Siúfi
15	Pandiá Calógeras	Paulo Corrêa de Oliveira
16	Rosário Congro	Acyr Vaz Guimarães
17	Eduardo Olímpio Machado	<i>vaga</i>
18	Aguinaldo Trouy	Abrão Razuk
19	João Guimarães Rosa	Maria da Glória Sá Rosa
20	Visconde de Taunay	<i>vaga</i>
21	Arlindo de Andrade Gomes	Reginaldo Alves Araújo
22	Vespasiano Martins	Oliva Enciso
23	Sabino José da Costa	Rui Garcia Dias
24	Lobivar de Matos	Arassuay Gomes de Castro
25	Arnaldo Serra	Zorillo de Almeida Sobrinho
26	Pedro Medeiros	Adair José de Aguiar
27	Antônio João Ribeiro	Lélia R. de F. Ribeiro
28	Raul Machado	Augusto César Proença
29	Elmano Soares	José Pedro Frazão

30	Otávio Cunha Cavalcânti	Hélio Serejo
31	Henrique Cirilo Correia	Hildebrando Campestrini
32	Weimar Torres	Abílio Leite de Barros
33	Ovídio Correia	Flora Egidio Thomé
34	Tertuliano Meireles	Altevir Alencar
35	Múcio Teixeira	Rubênio Marcelo
36	Frânklin Cassiano da Silva	Lucilene Machado
37	Padre José Valentim	Francisco Leal de Queiroz
38	Enzo Ciantelli	<i>vaga</i>
39	João Tessitori Júnior	Geraldo Ramon Pereira
40	Lima Figueiredo	<i>vaga</i>

#### Diretoria (2003-05)

*Presidente:* Francisco Leal de Queiroz.

*Vice-presidente:* Reginaldo Alves de Araújo.

*Secretário-Geral:* Rubenio Marcelo.

*Secretário:* José Pedro Frazão.

*Tesoureiro:* Antônio Alves Guimarães.

*Segundo tesoureiro:* Augusto César Proença.